

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO
NAS ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA:
PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS SURDAS
COM ACESSIBILIDADE PARA OUVINTES

VALESKA PICADO SCHULZE

João Pessoa
2015

VALESKA PICADO SCHULZE

QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA:
PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS SURDAS
COM ACESSIBILIDADE PARA OUVINTES

ORIENTADORES: DR GUSTAVO HENRIQUE DE ARAÚJO FREIRE
E DRA ISA MARIA FREIRE

João Pessoa
2015

S391q Schulze, Valeska Picado.
Quem souber que conte outra: produção de um programa
audiovisual para crianças surdas com acessibilidade para
ouvintes / Valeska Picado Schulze.- João Pessoa, 2015.
110f. : il.
Orientadores: Gustavo Henrique de Araújo Freire, Isa Maria
Freire
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA/CE
1. Gestão organizacional. 2. Gestão em organizações
aprendentes. 3. Programa audiovisual - crianças surdas.
4. Contação de história. 5. LIBRAS. 6. Televisão -
acessibilidade.

UFPB/BC

CDU: 334.658(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO
NAS ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA:
PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS SURDAS
COM ACESSIBILIDADE PARA OUVINTES

VALESKA PICADO SCHULZE

Trabalho final do relatório técnico-científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão Nas Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial, para obtenção do título de Mestre em Gestão, sob a orientação do Professor Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire e da Professora Dra Isa Maria Freire.

João Pessoa
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO NAS
ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA:
PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS SURDAS
COM ACESSIBILIDADE PARA OUVINTES

BANCA EXAMINADORA

Gustavo Henrique de Araújo Freire.

Professor Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire

Elisa Pereira Gonsalves

Professora Dra Elisa Pereira Gonsalves

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Professora Dra Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa
2015

Aos meus queridos filhos Gabriela e Marcelo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a generosidade e o profundo conhecimento dos meus orientadores Gustavo Henrique de Araújo Freire e Isa Maria Freire;

Aos Professores Doutores Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira e José Washington de Moraes Medeiros que participaram de minha banca de qualificação e que contribuíram grandemente para a finalização deste trabalho;

Aos meus colegas de mestrado companheiros de desafios e descobertas nesta jornada acadêmica;

Aos que fazem o MPGOA, em especial aos professores Fernando Hermida e Maria da Salete e os técnicos Cizame Júnior, Claudistone e Miro, pelo apoio de sempre;

Aos amigos Bob Vagner, Cely Farias, Everaldo Vasconcelos, Mônica Brandão, Osvaldo Travassos e especialmente Tânia Braga pela força e incentivo;

A todos aqueles que fazem a TV UFPB, em especial aos companheiros de trabalho Niutildes Batista, Fabiano Diniz, Haley Guimarães e José Newton que navegaram comigo neste mar de pesquisa e experimentação;

Ao professores e funcionários do Departamento de Mídias Digitais destacando o colega Ricardo Pinto;

Aos amigos pesquisadores Alexandre Câmara, Ana Marinho, Carlos Anísio, José Tonezi, Nancy Torres, Olga Brasil, Patrícia Mesquita e Sandra Santiago por compartilharem conosco suas experiências;

Aos artistas voluntários que participaram da produção deste programa piloto, em especial a designer de moda Mábia Ribeiro;

A todos os estudantes de graduação que gentilmente colaboraram neste projeto, em especial Andreza Rimar, Kamylla Silva e Breno Ranyere;

A apresentadora do programa piloto Ingrid Carpитеiro por doar parte de seu tempo e talento a esta experimentação audiovisual

Ao grupo teatral Engenho Imaginário, parceiro de nossos experimentos audiovisuais;

A minha eterna professora e amiga Elvira D'Amorim pelo carinho de sempre.

Aos amigos Margot e Elmo Schulze por acreditarem sempre em meu potencial acadêmico

Aos meus irmãos de sangue Herculano Abraão, Karin Picado e Naná Vianna que sempre me apoiam e me dão suporte em todas as minhas aventuras artísticas e acadêmicas;

Aos meus irmãos em Cristo Joseph e Edda MacKinney pelas constantes orações;

Ao Deus criador, pelo Seu eterno cuidado.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida com o propósito de criar uma proposta audiovisual de contação de histórias para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, a fim de oferecer uma programação comum para ambos os públicos. Este programa piloto tem como objetivo principal produzir um vídeo que dê origem a uma série televisiva de contos da literatura oral nordestina para crianças. Neste trabalho descrevemos como se deu o processo criativo para a produção deste piloto, desde a escolha da história narrada, a construção do roteiro literário, a concepção do cenário e do figurino, a composição da trilha sonora, a arte das ilustrações, a seleção da apresentadora surda, a realização dos ensaios e das gravações, até a finalização da edição do produto final. Para tanto, foi eleita como forma de investigação para este trabalho científico original, a pesquisa aplicada, qualitativa, exploratória e como procedimento, a análise estética de vídeos de natureza semelhante, ao produto final apresentado neste relatório. A estética visual do programa baseou-se na observação da cultura de surdos, da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e dos elementos técnicos da mídia televisiva. O resultado deste trabalho: um programa piloto produzido, como proposta de entretenimento para a comunidade surda, será apresentado como modelo de produção de um programa inclusivo com narrativas populares, para o público infanto-juvenil, como parte da programação da TV educativa da Universidade Federal da Paraíba, buscando atender uma demanda social de telespectadores surdos. Enquanto programa bilíngue de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, o conto da literatura oral escolhido, será narrado simultaneamente, através de LIBRAS e da Língua Portuguesa. Enquanto modelo de produto audiovisual, inédito na televisão brasileira, poderá servir como uma alavanca criativa para outras produções audiovisuais destinadas ao público de crianças surdas, encorajando outros gestores de TVs públicas brasileiras, a aceitarem este desafio. A pesquisa revelou que a acessibilidade na televisão brasileira para pessoas surdas, ainda encontra-se em processo de construção, na busca por uma identidade cultural própria, que nasce a partir da releitura de modelos internacionais e que nesta busca devem ser constantemente avaliados para a consolidação de uma estética nacional.

Palavras - chave: Contação de Histórias. LIBRAS. Televisão. Acessibilidade.

ABSTRACT

This research was developed with the purpose of creating an audiovisual proposal of storytelling for deaf children, with accessibility for listeners in order to provide a common programming for both audiences. This pilot program aims to produce a video that will continue to a TV series of tales of the Northeastern oral literature for children. Here we describe how was the creative process for the production of this pilot, from the choice of narrated history, the construction of the literary script, design the scenery and costumes, the composition of the soundtrack, art illustrations, selecting the deaf presenter, the tests and the recordings until the editing of the final product. Thus, it was chosen as a way to research this unique scientific work, applied research, qualitative, exploratory and as a procedure, the aesthetic analysis of a similar nature videos, the final product presented in this report. The visual aesthetics of the program was based on the observation of the culture of the deaf, the Brazilian Sign Language (Libras) and technical elements of the television media. The result of this work: a produced pilot program, as entertainment proposal for the deaf community, will be presented as a model of producing a comprehensive program with popular narratives for children and youth, as part of the program of educational TV Federal University of Paraíba, seeking to meet a social demand for deaf viewers. While bilingual storytelling program for deaf and hearing children, the tale of oral literature chosen will be narrated simultaneously through Libras and Portuguese. As a model of audiovisual, new product on Brazilian television, could serve as a creative lever for other audiovisual productions for the public of deaf children, encouraging other managers of Brazilian public TVs, to accept this challenge. The survey revealed that accessibility in Brazilian television for deaf people, still is under construction, the search for a cultural identity that is born from the reinterpretation of international standards and that this search should be constantly evaluated for consolidation a national aesthetics.

Keywords: Storytelling. LIBRAS. Television. Accessibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Imagen da apresentadora Naná Vianna	21
FIGURA 2	Imagen da apresentadora Naná Vianna	22
FIGURA 3	Desenho da animação	22
FIGURA 4	Diferenças entre sinais	36
FIGURA 5	Interpretação na língua de sinais em vídeo	
FIGURA 6	Organograma das frentes de ação do programa de extensão 'Contos da Tradição Oral Nordestina.	45
FIGURA 7	Esboço do Cenário	57
FIGURA 8	Amostra do figurino	58
FIGURA 9	Artesanato (fuxico)	58
FIGURA 10	Desenho do pássaro	60
FIGURA 11	Desenho da figueira	60
FIGURA 12	Cenas da história da figueira	60
FIGURA 13	Elementos cenográficos	62
FIGURA 14	Figurino	63
FIGURA 15	Cenografia	64
FIGURA 16	Figurino	65
FIGURA 17	Figurino	65
FIGURA 18	Figurino	65
FIGURA 19	Figurino	65
FIGURA 20	Programa Signing Time	72
FIGURA 21	Chroma Key	73
FIGURA 22	Cenografia digital	73
FIGURA 23	Cenografia digital	73
FIGURA 24	Cenografia digital	74
FIGURA 25	Cenografia digital	74
FIGURA 26	Figurino modelo	74
FIGURA 27	Figurino criado	74
FIGURA 28	Figurino	75
FIGURA 29	Figurino	75
FIGURA 30	Figurino	75
FIGURA 31	Figurino Modelo	75
FIGURA 32	Uso de fita adesiva colorida	76

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Links dos vídeos de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes	48 - 50
QUADRO 2	ROTEIRO: A HISTÓRIA DA FIGUEIRA	53 - 55
QUADRO 3	Programas Selecionados	66 - 68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14	
LUZ!		
2 ERA UMA VEZ	18	
2.1 HÁ MUITO TEMPO ATRÁS	25	
2.2 CONTA-ME UMA HISTÓRIA	29	
CÂMERA		
3 HISTÓRIAS SEM PALAVRAS	32	
3.1 MÃOS QUE FALAM	34	
3.2 OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA	38	
3.3 E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE	41	
AÇÃO!		
4 ERA UMA, ERAM DUAS, ERAM TRÊS.....	45	
NO AR		
5 ESTA HISTÓRIA ENTROU POR UMA PORTA E SAIU POR OUTRA.....	62	
5.1 QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA	76	
REFERÊNCIAS	79	
APÊNDICE - A	CRONOGRAMA.....	82
APÊNDICE - B	ROTEIRO DO PROJETO PARA A QUALIFICAÇÃO...	83
APÊNDICE - C	ENCONTROS DE ÁREAS.....	85
APÊNDICE - D	SELEÇÃO DA HISTÓRIA.....	86
APÊNDICE - E	PRODUÇÃO E TRADUÇÃO DOS ROTEIROS.....	90
APÊNDICE - F	PRODUÇÃO MUSICAL.....	93
APÊNDICE - G	PRODUÇÃO DO CENÁRIO / PRIMEIRA PROPOSTA	95
APÊNDICE - H	PRODUÇÃO DO CENÁRIO / SEGUNDA PROPOSTA	97
APÊNDICE - I	PRODUÇÃO DO CENÁRIO / TERCEIRA PROPOSTA	98
APÊNDICE - J	PRODUÇÃO DO FIGURINO / PRIMEIRA PROPOSTA	99
APÊNDICE - K	PRODUÇÃO DO FIGURINO / SEGUNDA PROPOSTA	100
APÊNDICE - L	PRODUÇÃO DO FIGURINO / TERCEIRA / QUARTA / QUINTA PROPOSTA	101
APÊNDICE - M	OFICINAS, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA SURDOS E OUVINTES	102
APÊNDICE - N	APRESENTADOR DE TV	104
APÊNDICE - O	ENSAIOS.....	106
APÊNDICE - P	GRAVAÇÕES.....	107
APÊNDICE - Q	CRIAÇÃO DOS DESENHOS E ANIMAÇÕES.....	108
APÊNDICE - R	EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO.....	109
APÊNDICE - S	PRODUTO DA PESQUISA: QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA.....	110

1 INTRODUÇÃO

Este relatório trata da descrição das etapas do processo de produção do programa piloto¹ de contação de histórias para crianças surdas com acessibilidade para ouvintes, intitulado 'Quem Souber que Conte Outra', mas antes de iniciarmos este relato, gostaríamos de dizer, fazendo uso das palavras de Sacks (2010, p. 12), em seu livro 'Vendo Vozes - uma viagem ao mundo dos surdos' que:

Sou, devo ressaltar, um leigo no assunto - não sou surdo, não sei usar a língua de sinais, não sou intérprete nem professor, não sou especialista em desenvolvimento infantil e nem sou historiador nem linguista. Esta, como se evidenciará, é uma área polêmica (às vezes renhida), na qual opiniões arrebatadas vêm-se combatendo há séculos. Sou um leigo, sem conhecimento ou especialização, mas também, acredito, sem preconceitos, sem interesse a defender, sem animosidades na questão.

E é por reconhecermos nossa posição diante do tema abordado e sem nenhuma pretensão maior, além de contribuir para o fortalecimento desta luta, que aqui contamos a história da produção de um programa audiovisual para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, seu processo, suas etapas e seus desafios, onde a busca por um espaço livre de apreciação audiovisual, sem barreiras na comunicação entre surdos e ouvintes, possível de ser transitado democraticamente.

'Quem Souber Que Conte Outra', programa piloto, produzido pela TV educativa, da Universidade Federal da Paraíba (TV UFPB), em parceria com o Departamento de Mídias Digitais (DEMID) recebeu este nome inspirado na clássica expressão, ainda usada por alguns contadores de histórias, que ao final de cada conto concluem a narrativa com o seguinte verso: "E esta bela história, entrou por uma porta e saiu por outra e quem souber que conte outra". Parte deste jargão será usado ao final da narração da história contada no programa piloto, porém sinalizado em LIBRAS, que em português para surdos poderá ser lido da seguinte maneira: "A história terminou, quem sabe conta outra".

¹ Primeiro episódio de uma série de televisão.

A proposta de produção deste programa piloto é fruto de uma das frentes de ação do programa de extensão 'Contos da Tradição popular Nordestina - edição e acessibilidade' da UFPB, aprovado pelo MEC, no edital do PROEXT 2013. Este programa de extensão teve como principal objetivo, promover ações que contribuissem para o reconhecimento e o respeito à literatura popular oral nordestina e a acessibilidade.

Durante o processo de criação, denominamos o roteiro deste projeto acadêmico de 'Trama', devido ao seu caráter multidisciplinar, colaborativo, literário e artístico. Como um grande tear, os fios multicoloridos foram trançados, formando um 'tapete mágico', como os das 'Mil e Uma Noites'. A metáfora deste entrelaçamento de linhas caracterizam a composição de uma estrutura de produção diversificada e flexível, permitindo a experimentação de novos caminhos na criação em vídeo.

Dividido em quatro momentos, que totalizam cinco seções, descreveremos neste relatório, as experiências que foram vivenciadas durante o processo acadêmico e artístico, de produção do programa piloto 'Quem Souber que Conte Outra'. Este programa, dedicado ao público de crianças surdas com acessibilidade para ouvintes, foi realizado pela TV UFPB em parceria com o DEMID.

Denominamos cada momento deste trabalho de acordo com os conteúdos abordados nas seções. Inspirados na linguagem da produção audiovisual ficcional, classificamos os quatro momentos deste fazer cênico, relacionando-os às etapas equivalentes. Foram eles intitulados de 'LUZ!', 'CÂMERA!', 'AÇÃO!' e 'NO AR!'.

O primeiro momento, denominado 'LUZ!', contém duas seções: a seção um (1), intitulada de 'Era uma vez...', onde, em um curto memorial, é relatada a trajetória da diretora de artes cênicas da TV UFPB e a seção dois (2), subdividida em duas partes, uma intitulada de 'Há muito tempo atrás...', que apresenta a primeira justificativa do projeto, discutindo a importância das histórias na formação dos indivíduos e a outra de 'Conta-me uma história', item que apresenta a segunda justificativa, abordando à ausência dos contos literários na infância de crianças surdas.

No segundo momento, denominado 'CÂMERA!', encontra-se a seção três (3), intitulada de 'Histórias sem palavras', que trata sobre o tema relacionado à cultura de surdos e a sua multiplicidade. Esta sessão divide-se em três partes: 'Mãos que falam'; 'Os olhos são as janelas da alma' e 'E viveram felizes para sempre'.

Com o título de 'Mãos que falam', apresentamos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), enquanto idioma oficial dos surdos brasileiros. Iniciamos com um breve histórico sobre esta língua e descrevemos suas principais características: tanto as de caráter formal quanto informal, dentro de um contexto linguístico e cultural próprio.

Em 'Os olhos são as janelas da alma', descrevemos a importância do aspecto visual na arte de contar histórias para crianças surdas. A partir das características básicas que fundamentam a Língua de Sinais, ressaltamos o seu caráter cênico e suas necessidades específicas para a transmissão da informação e do conhecimento, estabelecendo-se assim um canal de comunicação social.

Com o título de 'E viveram felizes para sempre' apresentamos o objetivo geral deste trabalho acadêmico, que foi produzir um programa piloto audiovisual para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, promovendo o contato de crianças com surdez ao universo dos contos clássicos da literatura oral nordestina. Em busca de uma inclusão social, lançamos uma proposta bilíngue, onde tanto crianças surdas como ouvintes poderão desfrutar juntas desta experiência artística e cultural.

O terceiro momento, denominado 'Ação!', contém uma única seção: a de número quatro (4), intitulada 'Era uma, eram duas, eram três', que relata todo o processo de pré-produção do programa piloto 'Quem Souber que Conte Outra', para crianças surdas e ouvintes, apresentando a metodologia aplicada e os objetivos específicos alcançados neste trabalho, tais como: a promoção de encontros por áreas; a realização uma revisão bibliográfica; a seleção de uma única história; a adaptação da história selecionada para roteiro de televisão; a tradução da adaptação da história selecionada para português para surdos; a criação da trilha sonora para ouvintes; a produção do cenário e o figurino; a realização das oficinas de apresentador de TV e da arte de contar histórias para a comunidade em geral; os ensaios da história do programa piloto que foi gravado; a gravação das imagens e do áudio do programa piloto e a criação das animações para compor o programa piloto.

O quarto e último momento deste trabalho, contém uma seção que divide-se em duas partes: a primeira, denominada 'Esta história entrou por uma porta e saiu por outra' que descreve o último momento da produção do programa 'Quem Souber

que Conte Outra', detalhando as mudanças ocorridas na proposta estético-visual e a descrição do novo modelo estabelecido para este produto. Na segunda parte, que leva o próprio nome do programa de contação de histórias para crianças, 'Quem souber que conte outra', apresentamos as considerações finais, destacando o aprendizado da equipe envolvida, até, através do acesso às novas informações, das trocas de saberes, da relação entre a pesquisa, o ensino e a extensão.

Entre as referências bibliográficas deste trabalho, encontramos materiais impressos, digitais e audiovisuais, que tanto serviram como suporte técnico para a produção artística da criação do programa 'Quem Souber que Conte Outra', como também foram utilizados na produção textual deste trabalho acadêmico. As principais áreas consultadas foram: audiovisual, LIBRAS, inclusão social, literatura e educação.

No apêndice deste relatório estão disponíveis todo o material que complementa o texto escrito sobre a trajetória artística e acadêmica do processo de produção do programa audiovisual 'Quem Souber que Conte Outra'. O material disposto foi selecionado a fim de proporcionar um melhor entendimento acerca das informações contidas neste relatório, para que possamos ter uma visão mais aproximada da realidade vivenciada pela equipe de produção, neste processo de pesquisa e criação em vídeo.

LUZ!

2 ERA UMA VEZ

Tudo começou quando eu era criança, assistindo o programa Vila Sésamo, exibido pela primeira vez em 1969 pela Public Broadcasting Television, emissora de TV dos Estados Unidos da América. O programa estreou no Brasil em 1972, na TV Cultura, emissora brasileira de televisão. Absorvida pelas imagens do programa Vila Sésamo, eu desejava profundamente fazer parte delas. O meu verdadeiro desejo era atravessar a tela da televisão e estar junto com todas aquelas pessoas: crianças, apresentadores e principalmente os bonecos, personagens criados para atrair o público alvo.

Meu pai, Archidy Picado (1937-1985), artista plástico e professor do Departamento de Artes e Comunicação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi um dos pioneiros do cinema paraibano na década de 1980 na cidade de João Pessoa. Com o salário de professor universitário, ele comprou, entre outros equipamentos, uma câmera Super 8. Nossa casa, por muitas vezes, se transformou em um set de gravação. Vivenciando o processo de filmagens e timidamente colaborando como continuista, fui descobrindo como as imagens do cinema e consequentemente da televisão, eram produzidas.

Em 1977, eu conheci a arte teatral. Assisti meu primeiro espetáculo infantil: 'A Árvore que andava', texto de autoria de Oscar Von Pfuhl, com direção do já falecido, dramaturgo paraibano Ednaldo do Egypto Sentada, junto com outras crianças, na plateia do Teatro Santa Roza eu vivenciava presencialmente uma experiência cênica. Para mim, era como se eu estivesse dentro do aparelho de televisão. A partir de então, brincar de fazer teatro com os colegas, no quintal da casa de meu avô, onde morava com meu pai e meus dois irmãos mais velhos, havia se tornado a minha brincadeira favorita.

Depois deste tempo, nunca mais parei. Gostava também de ler e escrever, e inspirada na peça 'O Barquinho' de Ilo Krugli, uma das histórias gravadas da coleção Taba, que conheci através de um presente que ganhamos de nosso pai, iniciei a minha trajetória de dramaturga. Sempre que havia uma oportunidade, lá estava eu: escrevendo, produzindo, dirigindo e atuando esquetes ou peças de curta duração.

Os espaços que utilizávamos, eram aqueles cedidos por amigos, que abriam suas portas para o nosso teatro amador: quintais, escolas e igrejas.

Aos vinte e cinco anos fiz o meu primeiro curso formal de teatro. Tranquei a graduação no extinto curso de Licenciatura em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas na UFPB e fiz um novo vestibular para o mesmo curso, porém para a habilitação em Artes Cênicas e em 1993 reingressei na mesma instituição de ensino. Encantei-me pela profissão de professora e artista teatral. Participei de diferentes grupos e me envolvi em vários projetos. Paralela a minha trajetória cênica, eu continuava assistindo e apreciando os programas de televisão, sobretudo os educativos.

Diferente de meus colegas atores, que sonhavam em trabalhar na Rede Globo de Televisão, eu desejava fazer parte da equipe de produção da TV Cultura de São Paulo. Posso dizer que em uma outra emissora, este sonho se realizou, pois em 2011 através de concurso público, iniciei a minha carreira de Diretora de Artes Cênicas na TV universitária da UFPB. Uma emissora de televisão pública e educativa na cidade em que eu morava. Nada poderia ser melhor e com mais duas colegas, Cely Farias, também diretora de artes cênicas e Marina Pessoa, figurinista, formamos a Unidade de Produção Audiovisual e junto à equipe de comunicação realizamos um projeto intitulado 'De Portas Abertas', que envovia duas áreas: jornalismo e teledramaturgia.

A UFPB desde a sua fundação, vem cumprindo com a função de promover o ensino, a pesquisa e a extensão. Tendo no campo da educação superior, o reconhecimento e a contribuição social, tanto na ciência e na tecnologia, quanto na formação de profissionais de excelência, não apenas para o Estado da Paraíba, mas também para o restante do país. Por sua vez, a TV UFPB, enquanto emissora universitária vem mantendo o mesmo padrão da instituição que a integra. Seu caráter educativo e formativo tem, cada vez mais, a caracterizado como espaço de constante aprendizagem. A rapidez das mudanças tecnológicas exigem do gestor um investimento, não apenas na qualificação técnica do seu quadro de funcionários como também no desenvolvimento pessoal e educativo dos mesmos.

Segundo Senge (*apud*, Organizações Aprendentes, 2015), é considerada uma organização aprendente aquela "que está, continuamente, expandindo sua capacidade de criar o futuro, em que as pessoas buscam criar os resultados que

desejam e aliam-se umas às outras para que haja uma aspiração coletiva de onde surgem novos e elevados padrões de raciocínio.” Diante desta afirmação podemos dizer que a TV UFPB caracteriza-se como uma organização aprendente, por apresentar-se como um organismo vivo, pulsante e principalmente como produtora de novos conhecimentos, visando a sua integração ao mercado, na busca de uma identidade própria, com objetivos coletivos, pautados na responsabilidade social de uma emissora pública e educativa.

O advento da globalização trouxe a “era do conhecimento e da inovação”. A noção de tempo está relacionada ao momento presente do acesso, no caso da TV ao momento da exibição, exigindo dos gestores uma postura flexível, atenta às necessidades dos telespectadores. Tornando-se necessária a busca por uma avaliação eficiente, a fim de encontrar soluções para os problemas detectados nas produções anteriores.

A TV UFPB emissora educativa da UFPB, integra atualmente a Superintendência de Comunicação Social da UFPB, afiliada à TV Brasil e transmitindo em sinal aberto no canal 43. Enquanto TV pública, tem como objetivo principal oferecer à comunidade da grande João Pessoa (PB), uma programação informativa, educativa, artística e científica, visando a formação integral do cidadão pessoaense. Criada em 2005 como parte integrante do atualmente extinto Polo Multimídia, funcionou em caráter experimental, passando a ser transmitida através do canal 22 da NET Serviços - operadora à cabo, afiliada ao Canal Futura, mas só em 2009 recebeu a confirmação da concessão do canal aberto.

O programa “De Porta Abertas”, nossa primeira experiência em teledramaturgia para televisão, foi um projeto de extensão da UFPB (PROEXT/MEC-2012), que apresentava a universidade para a comunidade através da divulgação dos serviços e produtos que a instituição disponibilizava para a população paraibana, por meio dos seus diversos projetos nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão. Produzir teledramaturgia dentro da estrutura da UFPB foi um grande desafio, pois este tipo de produção mais profissional exigiu da gestão uma certa agilidade e autonomia, dois quesitos incompatíveis à burocracia natural à instituição. Esta constatação nos levou a optar por um caminho de produção não convencional, pautado nas bases que sustentam as universidades federais: a pesquisa, o ensino e a extensão.

Como as três integrantes da UPA tiveram uma formação profissional cênica teatral criou-se informalmente, com o apoio do Professor Mestre Everaldo Vasconcelos, do Departamento de Artes Cênicas (Decen) da UFPB, o Grupo de Estudos em Teledramaturgia (GET), que tem como principal objetivo, estudar o fazer artístico dentro de uma TV universitária. Ao mesmo tempo, com a finalidade de criar um programa dedicado às crianças convidamos a artista multimídia Naná Vianna, integrante do grupo teatral Engenho Imaginário, um dos parceiros da TV UFPB, para participar voluntariamente de um experimento audiovisual que integrava atividades de contação de histórias, à música e ao desenho. Com a participação dos técnicos da TV UFPB, Bob Vagner, Fabiano Diniz, Niu Batista, Paulo Lages, Welder Torres, Halley Guimarães, José Newton, Valeska Picado e da estudante de jornalismo Clarissa Mesquita, foi produzido um programa-piloto, que deu origem aos projetos seguintes.

A história escolhida, para este experimento, foi o romance da tradição oral nordestina, que conta a história de uma menina que havia sido enterrada viva pela madrasta: "A História da Figueira". Com cenário e figurino improvisados, a narrativa se dava através da imagem da apresentadora Naná Vianna, que dividia a tela com desenhos animados.

FIGURA 1 - Imagem da apresentadora Naná Vianna



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

Ao som da voz e do violão, a história foi contada, com a missão de encantar o coração dos pequenos telespectadores. Este programa piloto, que deu início à série, recebeu o nome de "Quem Souber que Conte Outra". Este título, para identificar programas com o mesmo perfil, é mantido até hoje. A partir da experiência que

adquirimos através desta produção e contando com o apoio de artistas voluntários, planejamos produzir um programa de contação de histórias para crianças ouvintes.

Como a realização da TV UFPB e em parceria estabelecida entre artistas da comunidade, núcleos e projetos ligados à UFPB foi produzido o programa de contação de histórias para crianças ouvintes, que manteve o mesmo nome: Quem Souber que Conte Outra. As histórias escolhidas foram as da tradição oral nordestina e, entre outras fontes, visitamos o acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO) da UFPB.

O NUPPO é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB, criado em 1980 com o objetivo de promover a integração sistemática do estudo, da pesquisa da cultura popular, com a participação de servidores docentes e alunos da universidade, com um caráter interdisciplinar. Entre outros bens culturais, seu acervo conta com uma coleção de livros transcritos de histórias contadas por narradores populares de vários municípios do Estado da Paraíba.

Para este experimento foram selecionados e adaptados para televisão, quatro histórias de domínio público: A intriga do grilo com o leão; A princesa e o sapo; A jovem Guerreira e o Valente João.

A fim de tornar a narrativa mais interessante para as crianças utilizamos o recurso da animação em 2D, já experimentado no programa piloto, porém desta vez não usamos os desenhos ao lado da imagem do narrador e sim ocupando a tela inteira, intercalando-os com a tela dos apresentadores do programa.

FIGURA 2 - Imagem da apresentadora Naná Vianna



FIGURA 3 - Desenho da animação



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Com a participação de estudantes do curso de Jornalismo da UFPB, exibimos pela primeira vez para crianças a técnica de animação 2D na TV UFPB. As canções contidas nos romances narrados por Tia Beta foram arranjadas e adaptadas com o objetivo de aproximar o público dos clássicos populares. O resultado da exibição em 2012 pela TV UFPB para a grande João Pessoa, seguida da disponibilização dos quatro vídeos no canal do youtube, teve uma boa repercussão, segundo o retorno obtido pelo depoimento informal de alguns pais e professores do colégio IPEI, instituição de ensino privada, que fica localizada no bairro dos Bancários, na cidade de João Pessoa, e que tem colaborado voluntariamente nas produções educativas da emissora da UFPB.

Baseados na Norma Complementar nº 01/2006, que trata da garantia dos recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, conforme disposto na Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e no Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004, alterado pelo Decreto no 5.645, de 28 de dezembro de 2005, decidimos incluir produções destinadas às crianças surdas dentro da programação da TV UFPB. Para esta nova proposta, convidamos para compor a equipe de produção do programa, como consultores, os Professores Doutores Sandra Alves da Silva Santiago, do Centro de Educação, do Departamento de Habilidades Pedagógicas, Alberto Ricardo Pessoa, do Departamento de Mídias Digitais, Ana Cristina Marinho Lúcio, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Alice Lumi Satomi do Departamento de Música (Demus), e o Mestre Carlos Anísio também do Demus, todos membros do quadro efetivo da UFPB.

Em busca de uma excelência artística, inscrevemos um programa interdisciplinar no edital do PROEXT 2013, intitulado “Contos da Tradição popular na Paraíba - edição e acessibilidade”, que entre as suas quatro frentes de ação, apresentava a proposta de produção do programa de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, “Quem Souber que Conte Outra”, o qual foi selecionado. O PROEXT é um instrumento que inclui programas e projetos de extensão universitária, priorizando a formação dos discentes e a inclusão social em sua plenitude, com o objetivo de valorizar ações políticas que fortaleçam a institucionalização da extensão nas Instituições Federais, Estaduais e Municipais de Ensino Superior.

O programa “Contos da tradição popular na Paraíba: edição e acessibilidade”, possuía quatro frentes de ação:

- I. promoção de cursos de capacitação para professores de língua portuguesa e intérpretes (LIBRAS) dos municípios de João Pessoa e Cabedelo para o trabalho com a literatura popular oral em sala de aula;
- II. edição de contos populares de narradores paraibanos, gravados nas décadas de 1970 e 1980, que fazem parte do acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO;
- III. apresentação de um espetáculo teatral que recria narrativas da tradição popular paraibana, produzido pelo grupo teatral “Engenho Imaginário”, em cinco comunidades rurais da Paraíba;
- IV. adaptação de dez contos para a televisão, destinados às crianças ouvintes e surdas.

Além de promover uma discussão sobre a cultura popular, o acesso de crianças surdas aos contos da tradição oral e a valorização dos artistas e narradores populares do estado da Paraíba, o programa objetivava beneficiar um grande número de crianças e adolescentes através da divulgação de pesquisas sobre a cultura popular desenvolvidas na UFPB desde a década de 1970, através da transcrição, edição, publicação e veiculação de narrativas populares na TV UFPB. A proposta do programa visava propiciar o encontro de professores-pesquisadores da UFPB com o trabalho de artistas da comunidade e técnicos da TV UFPB, a fim de proporcionar oportunidades para a divulgação e a valorização de narrativas da tradição oral paraibana. Atingindo um público bastante diversificado, estabeleceu a troca dos saberes acadêmico e popular como base para o desenvolvimento de todas as ações do programa, resultando num processo educativo, cultural e político. O programa apresentava um caráter essencialmente multidisciplinar, pois além de envolver alunos da graduação de vários cursos oferecidos pela UFPB, também promoveu a capacitação de artistas e professores para o trabalho com as narrativas

e versos da tradição popular e para a utilização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A partir destas ações, surgiu a proposta de produção de um programa de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, com narração e apresentação em LIBRAS, exibida pela TV UFPB. “Quem Souber que Conte Outra” pretende ser a apenas a primeira iniciativa de produção de conteúdo para crianças com o perfil inclusivo, visando estimular outras produções que proporcionem a integração entre crianças surdas e ouvintes.

2.1 HÁ MUITO TEMPO ATRÁS

Desde os tempos mais remotos o homem, percebendo que cada habilidade que possuía era um recurso à sua disposição para conquistar o respeito e a veneração dos seus semelhantes, começou a cultivar o seu talento e a especializar-se nas artes. Para entreter aqueles que o cercavam e receber a sua aprovação e admiração, ele, com especialidade, a arte de contar histórias. (Malba Tahan no livro 'A arte de Ler e Contar Histórias' na página 16, cita a professora Otília de Oliveira Chaves (p. 22), em seu livro 'A Arte de Contar Histórias, Rio, 1952)

As histórias fazem parte do nosso passado, quer sejam contos de fadas ou fatos relacionados ao nosso cotidiano, as narrativas fazem parte da nossa linha da vida. Quando vamos relatar algo que aconteceu conosco ou que ouvimos falar, naturalmente usamos os recursos da arte de contar, dom inerente aos seres humanos. Antes da criação da escrita, os contadores ou narradores populares, utilizavam o recurso da fala, para transmitir conhecimento acerca de suas próprias culturas. Era a tradição oral o caminho mais utilizado para manter vivo o histórico da humanidade.

A busca pelo significado da existência, parte do auto conhecimento. O que sabemos sobre nós mesmos e sobre nossas origens, pode nos levar a fazer escolhas e tomar determinadas decisões, que refletirão no nosso futuro. O desenvolvimento de nossa maturidade psicológica depende do grau de evolução que atingimos, a partir da compreensão que adquirimos ao longo de nossas vidas. O desejo de viver está intimamente relacionado ao sentido positivo de existirmos, que por sua vez está ligado à herança cultural e familiar, onde a fruição das histórias ocupam um espaço vital para todos os indivíduos.

Bettelheim, em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (2006) afirma que a narrativa clássica, apesar de pouco relacionar-se com a contemporaneidade, apresenta elementos que podem contribuir para uma melhor compreensão dos nossos conflitos internos e suas possíveis soluções, dentro de cada sociedade, sobretudo em nossos primeiros anos de vida. Citando o poeta alemão Schiller, Bettelheim escreve: "Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina" (2006, p.14).

Neste livro, Bettelheim apresenta as principais funções dos contos de fadas, segundo o ponto de vista psicanalítico. Para ele, este tipo de narrativa possibilita um melhor entendimento da complexidade do mundo para a criança, falando ao ego em germinação e encorajando o seu próprio desenvolvimento, oferecendo soluções tanto temporárias, quanto permanentes, às suas lutas interiores, transmitindo sempre uma mensagem positiva. Bettelheim (2006, p.14) afirma que

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

As narrativas têm em si um grande potencial educativo. Elas podem levar um indivíduo à uma melhor compreensão de si mesmo, assim como de seu coletivo, contribuindo para a formação de uma consciência emancipadora. Em períodos históricos distintos, encontramos relatos da utilização de contos em diferentes tipos de processos de ensino e aprendizagem. Entre os mais citados, estão as parábolas de Jesus descritas nos evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, que compõe a Bíblia Sagrada. Estas parábolas apresentam alguns aspectos que repetem-se enquanto unidade do gênero. São eles: o caráter ficcional, o uso de elementos reais, a identificação cultural, o perfil pedagógico e a reflexão.

Assim como a parábola, há outros estilos narrativos que também são utilizados com fins educacionais. Entre eles destacamos a fábula, o apólogo, o conto, a lenda, o cordel, o romance e a novela. Cada um destes estilos oferecem diferentes recursos dentro da contação de histórias, porém os contos de fadas para crianças, tendem a transmitir a mensagem de que 'o crime não compensa', pois os

vilões geralmente são castigados e os heróis sempre vencem ao final. Este tipo de narrativa é essencial para o desenvolvimento emocional da criança, em um determinado período de sua vida, pois apresenta-lhe, através da felicidade descrita ao final de cada história, um certo grau de segurança dentro do mundo em que vive.

Ouvir histórias na infância, além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem, pode estimular o interesse pela leitura de impressos e obras digitalizadas, proporcionando um universo de possibilidades para novas descobertas e uma visão pessoal e crítica do mundo. Os contos ficcionais propõem uma viagem através da imaginação, proporcionando tanto uma aproximação, como um distanciamento da narrativa, recurso importante para a interpretação e compreensão de conflitos e a elaboração de possíveis soluções. As crianças tanto podem imaginar-se como sendo o(a) herói(heroína) da trama, como pode sair dela e analisar os conflitos como uma jogadora de xadrez, que observa a situação de fora, tendo uma visão panorâmica do problema.

A leitura surge na vida da criança ouvinte, através da audição, que ainda não encontrando-se alfabetizada, necessita da ajuda de outra pessoa que se disponha a ler para ela. Mesmo aparentemente passiva, ela acompanha as histórias ativamente, utilizando a imaginação como recurso interpretativo. Envolvida no enredo ela pode emocionar-se demonstrando através de expressões, que refletem seus sentimentos de acordo com os acontecimentos da narrativa. Estes momentos, em sua maioria, são vivenciados junto à parentes, que compartilham afetivamente esta ação educativa, estimulando assim o gosto pelos contos através do prazer vivenciado.

Os contos de fadas contêm elementos que proporcionam a ampliação da capacidade imaginativa. Ao ouvir uma história ficcional, a criança é reportada para o cenário onde ocorre a narrativa, tornado-se parte dela. Mesmo não tratando-se da realidade, os elementos da trama carregam em si semelhanças com o mundo real, através dos sentimentos e conflitos apresentados pelas personagens. A fantasia presente no texto não atrapalha a relação com o mundo pessoal do indivíduo e o seu coletivo, antes pelo contrário, ela contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos seres humanos.

As histórias consideradas clássicas permanecem de geração em geração, devido às suas características universais e atemporais que envolvem os conflitos humanos. São inúmeros os motivos que fazem com que um ouvinte se encante por

um determinado conto. Surgidas em um tempo ainda não identificado, a origem dessas narrativas se confundem com a própria existência humana. Consideradas como verdadeiras obras de arte, a literatura clássica dedicada às crianças, reuniu contos da tradição oral de diversas culturas, transformando-as em material impresso, palpável e mais resistente à ação do tempo.

É fácil identificar os sentimentos negativos contidos nas narrativas ficcionais, tais como o ódio, o medo, a inveja, a ambição, o ciúme, a rejeição, a injustiça e a decepção. Estes sentimentos são explorados nos conflitos apresentados nos contos, onde vivenciados pelos personagens, tendem à levar o leitor ou o ouvinte à trajetória para a resolução dos problemas relatados, que comemoram ao final da história, a vitória do herói. A expectativa de realização da criança e do adulto é agraciada quando acontece o tão esperado final feliz. Há uma forte presença de um sentimento de alívio. Como diz o ditado popular "Se não acabou bem, é porque não chegou ao fim".

Os contos ficcionais tem a capacidade de nos envolver em sua teia dramática, estimulando o pensamento e a emoção, através da trajetória de seus personagens. A fascinante jornada da vida dos heróis nos leva à descoberta do mundo e de nossos segredos mais íntimos. Crianças e adultos são transportados para dentro de si mesmos, onde a autodescoberta é estimulada através da compreensão dos valores do mundo real, presente no universo imaginário dos clássicos da literatura oral e impressa. O desenvolvimento da formação da personalidade do indivíduo que desfruta desta ação narrativa pode ser estimulado através do uso dessas histórias, de acordo com a classificação etária e seus objetivos específicos. Cada fase da vida apresenta conflitos diferentes, necessitando assim de instrumentos de apoio à resolução dos mesmos. Não há melhores ferramentas para a contribuição deste processo humano, do que a utilização dos diversos gêneros literários na vida dos indivíduos.

A imaginação para a criança é mais real que a própria realidade, pois é a partir dela que a mesma elabora a sua compreensão de mundo. Para ela não há separação entre o factual e o ficcional. Tudo é possível. Quanto mais elementos fantasiosos forem inseridos na infância, mais rico será o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos. Neste contexto as narrativas populares abordam temas importantes para a formação do caráter pessoal, como também de conceitos éticos

sociais. É desta maneira que se fortalecem os valores culturais de um determinado grupo.

O universo das histórias é um espaço mágico, onde tudo é possível. A esperança de um amanhã feliz para os seres humanos nasce dentro da narrativa ficcional ou religiosa. A vida espiritual eterna ou a certeza de que eles foram felizes para sempre, proporciona um conforto no tempo presente, diminuindo a sensação de ansiedade e estimulando a ação positiva para a resolução de um conflito. O herói faz a sua parte dentro da progressão dramática do conto e com a ajuda do 'destino' tudo terminará bem. Através do prazer e das emoções proporcionadas pelos contos, somos levados a reelaborar nossos próprios conflitos, vividos através das personagens.

É inegável a importância da contação de histórias, principalmente na primeira infância. A função cognitiva, social e emocional que a mesma exerce sobre os indivíduos de todas as idades, não difere dos aspectos socioculturais dos diversos grupos.

2.2 CONTA-ME UMA HISTÓRIA

A contação de histórias para crianças, além de ser um momento de diversão, também contribui para o desenvolvimento de competências linguísticas, inspirando a imaginação e plantando sementes de interesse pela leitura de livros ao longo dos anos. Através do tempo da narrativa, a criança é estimulada a construir o seu próprio vocabulário, desenvolvendo a habilidade da escuta, aumentando a capacidade de atenção, promovendo a comunicação oral, e ensinando novos conceitos e habilidades.

Assim como a fala, as histórias surgem na primeira infância das crianças ouvintes, através de vivências familiares. No caso das crianças surdas, filhas de pais ouvintes, isto geralmente não ocorre, devido ao fato dos progenitores desconhecerem as necessidades dos surdos. Quadros em seu livro Educação de Surdos - a aquisição da linguagem (1997, p.108) diz que "Os pais, normalmente, não sabem ser pais de crianças surdas. Além disso, eles não conhecem a língua de sinais".

O desconhecimento em relação à língua de sinais acontece muitas vezes devido ao preconceito criado em torno da não oralização das crianças surdas. O predomínio da cultura de ouvintes vem impondo ao longo dos anos, conceitos e valores culturais, que desrespeitam à minoria de pessoas com surdez. Quando perguntamos a uma pessoa se ele domina outros idiomas, dizemos popularmente: "- Que outras línguas você sabe falar?", porém a referência ao aparelho fonador, diz respeito apenas às línguas oralizadas. Gesser em seu livro, LIBRAS que língua é essa? - Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais (2014, p.7) afirma que "as línguas de sinais são línguas naturais tão humanas quanto as demais e que não se limitam a um código restrito de transposição das letras do alfabeto".

Assim como nós ouvintes, não 'falamos' apenas usando a boca, também não 'escutamos' unicamente através dos ouvidos, pois todos os órgãos dos sentidos estão envolvidos dentro do processo de comunicação, que na pessoa surda dá-se através das imagens, pois seu instrumento de interlocução é o corpo. Sendo assim, podemos dizer que a língua materna dos surdos é a de sinais, porém como a maioria das crianças com surdez tem contato com a sua língua natural, fora do ambiente familiar, não é correto usarmos o termo 'materna' e sim língua 'nativa'.

Além do lugar em que vive com a família, para as crianças ouvintes, outro espaço de contato com as narrativas ficcionais é a escola. A literatura oral e escrita é parte do conteúdo pedagógico escolar, porém geralmente não são observadas as necessidades dos surdos. A escola inclusiva oferece ao estudante com surdez, o suporte da presença de um adulto intérprete que o acompanha durante as aulas, porém a metodologia utilizada pelos professores são na maior parte do tempo, fundamentadas na língua oral-auditiva, por isso muitos teóricos defendem a existência de escolas bilíngues para crianças surdas.

Baseada na proposta bilíngue de educação para surdos, esta escola deve assegurar os direitos humanos linguísticos, citados por Quadros (1997, p. 28):

- a) que todos os seres humanos têm o direito de identificarem-se com uma língua materna(s) e de serem aceitos e respeitados por isso;
- b) que todos têm o direito de aprender a língua materna(s) completamente, nas suas formas oral (quando fisiologicamente possível) e escrita (pressupondo que a minoria linguística seja educada na sua língua materna);
- c) que todos têm o direito de usar a sua língua materna em todas as situações oficiais (inclusive na escola);

d) que qualquer mudança que ocorra em sua língua materna seja voluntária e não imposta.

Devido à necessidade de identificação do leitor para a apreciação de uma obra literária, é importante que a sociedade disponha de uma literatura especializada para crianças surdas. Na maioria das histórias os personagens são ouvintes, quando não, fazem-se presentes como um ser inferior, como é o caso de Quasimodo, do livro *Notre-Dame de Paris*, clássico da literatura francesa, de autoria de Victor Hugo, que além das deformações físicas congênitas, perde a audição devido ao seu trabalho de sineiro da catedral. Acerca desta problemática, algumas tímidas iniciativas já foram tomadas. Como resultado da pesquisa desenvolvida por Becker, Hessel e Rosa, é lançado o primeiro livro no Brasil escrito em língua de sinais: *Cinderela Surda* (2003), uma versão de um dos clássicos dos contos de fadas, escrita pelos Irmãos Grimm, que na publicação citada, insere elementos da cultura de surdos.

Os meios de comunicação também são utilizados como difusores dos contos clássicos e populares. Através de programas de rádio, televisão e disponíveis na internet por meios de sites e canais de áudio e vídeo, são oferecidas programações de contação de histórias, dedicadas ao público infanto-juvenil, majoritariamente ouvintes. Destacamos, entre os programas de televisão nacionalmente conhecidos, o quadro do *Ra-Tim-Bum*, *Senta que lá vem a história* (1994), exibido pela TV Cultura e o interprograma *O papel das histórias* (2013), com realização da TV Ratimbum.

A televisão educativa e pública, transmitida em canal aberto, deve atentar para este aspecto social, atendendo às necessidades do público em geral, sobretudo à das minorias que apresentam necessidades culturais específicas, como o caso das comunidades indígenas e afrodescendentes, grupos religiosos, entre outros, os deficientes físicos, como o caso dos cegos que precisam de audiodescrição para uma melhor compreensão de alguns programas e os surdos, habilitados em língua de sinais.

CÂMERA!

3 HISTÓRIAS SEM PALAVRAS

Apesar da história da surdez ser quase tão antiga quanto à da própria humanidade, ainda pouco se conhece sobre este universo. Santiago (2011, p. 23), em seu livro A história da exclusão das pessoas com deficiência em um breve relato sobre as comunidades primitivas, que viviam de acordo com princípios coletivos, diz que

E enquanto a vida permaneceu assim, a pessoa com deficiência não foi excluída pelas não deficientes. A morte desses indivíduos parece ter sido fruto tão somente de causas naturais ou accidentais. No entanto, à medida em que as comunidades foram se desenvolvendo, a organização comunal primitiva vai desaparecendo e com ela, os deficientes e doentes.

A surdez quando considerada como uma deficiência física, passa também a ser vista pela sociedade como uma deficiência cognitiva. Dentro deste preconceito, o surdo, considerado como uma pessoa incapaz de inserir-se na sociedade, em seu estado físico, é submetido a exaustivos exercícios fonéticos, a fim de reabilitá-lo à fala. A imposição à oralização e a tentativa de inserir o indivíduo com surdez em uma comunidade de ouvintes, reforça o pensamento dominante da cultura oral-auditiva. Por muitas décadas era utilizada a expressão surdo-mudo para designar um indivíduo que não ouvia e por isso também não falava, porém é importante lembrar que a mudez no surdo deve-se ao fato dele não poder ouvir.

Oliver Sacks em seu livro Vendo Vozes - uma viagem ao mundo dos surdos, observa que a cultura é tão importante quanto a natureza e descreve a sua indignação diante da falta de acesso à comunicação da grande maioria das pessoas que não ouvem. Sobre a importância do respeito ao aspecto cultural das pessoas com surdez ele afirma que: "Ainda que jamais tenha esquecido a condição 'médica' dos surdos, fui então levado a vê-los sob uma luz nova, 'étnica', como um povo, com uma língua distinta, com sensibilidade e cultura próprias" (SACKS, 2010, p. 10).

A cultura, enquanto conjunto de crenças, costumes, tradições, lei, moral, arte e uma língua própria, apresenta diferenças de acordo com a comunidade que a representa. Os surdos, quer sejam portadores de uma surdez patológica ou

congênita, enquanto grupo social, possuem sua própria cultura, com uma língua própria: a língua de sinais. Esta cultura tem um caráter múltiplo, pois além de agregar as pessoas com surdez, é constituída de outros grupos, tais como os surdos indígenas, os surdos cegos, os surdos homossexuais, as surdas mulheres, os surdos negros, entre outros.

A maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes e o grande desafio encontrado por elas é a comunicação em família. Os adultos responsáveis por estas crianças apresentam reações diversas em relação à criação de seus filhos. Alguns os superprotegem com medo que eles sofram, dificultando a socialização dos surdos na sociedade. Outros, devido ao preconceito em relação a língua de sinais, por considerá-la primitiva, dificultam o processo de aquisição da língua nativa das pessoas com surdez: a língua de sinais. Este comportamento em relação ao surdo, pode prejudicar a relação com os ouvintes, gerando uma certa desconfiança por parte dos que não ouvem.

A troca de informações é uma necessidade do ser humano. A língua de sinais, como língua nativa do indivíduo com surdez, promove o acesso à comunicação, possibilitando o desenvolvimento social, espiritual e acadêmico. O contato visual e o toque são elementos importantes na cultura de surdos, onde a escuta acontece através dos olhos e a fala se dá com o corpo. Assim como os bebês, filhos de pais ouvintes, ao sete meses começam a balbuciar, os filhos de pais surdos, mesmo sendo ouvintes, fazem o mesmo, só que utilizando as mãos.

Uma pessoa ouvinte não alfabetizada em LIBRAS, sem a presença de um intérprete, pode ficar confusa diante de uma pessoa surda. Não é fácil lidar com o diferente, porém se houver oportunidades de contato entre surdos e ouvintes, este desconforto pode diminuir e até desaparecer. É importante não ignorar a deficiência para que aja uma convivência verdadeira, mas não se deve subestimar a capacidade de uma pessoa, apenas pelo desconhecimento de uma determinada cultura. Quando há a presença de um intérprete, o ouvinte deve se dirigir ao surdo, mantendo o contato visual, tanto quando estiver falando, quanto estiver ouvindo.

Uma barreira de comunicação entre duas pessoas pode ser quebrada se uma delas se dispõe a aprender a língua da outra e no caso em questão, é mais natural um ouvinte aprender a língua de sinais, do que um surdo desenvolver a fala e a leitura labial. Cada indivíduo tem limitações e habilidades e os desafios encontrados

na realização de determinada atividade não faz ninguém ser melhor ou pior que o outro, pois cada ser é único, antes pelo contrário, uma pessoa com uma determinada deficiência pode se tornar uma especialista em uma área diferente de sua vida. A estimulação visual-espacial proporcionada pela aprendizagem de uma língua de sinais, desperta outras áreas do corpo e dos sentidos que não haviam sido acionados. As pessoas com surdez tem os mesmos direitos que os demais e cabe às autoridades governamentais, junto à sociedade civil, garantir estes direitos.

3.1 MÃOS QUE FALAM

(A língua de sinais), nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza e nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que elas tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.

J. SCHUYLER LONG
Diretor da Iowa School for the Deaf
The sign language (1910)
(*apud* Sacks em seu livro Vendo Vozes - antes do sumário)

A troca de informação entre pessoas surdas, que usam a língua de sinais, ocorre através de dois elementos de decodificação: as mãos e a linguagem corporal. Os sons produzidos oralmente durante este processo, apesar de serem naturais, não são importantes para a compreensão do receptor. Durante a fala sinalizada o indivíduo usa simultaneamente a combinação de sinais manuais, o movimento do corpo e a expressão facial. Como toda língua natural, a de sinais nasce dentro de um contexto cultural, onde uma comunidade surda a utiliza dentro do seu processo próprio de comunicação.

Sinais não são elementos comunicacionais utilizados apenas por pessoas surdas, porém estes sinais usados por falantes oralizados, são complementos gestuais e não constituem uma língua. Por exemplo, quando fechamos a mão e

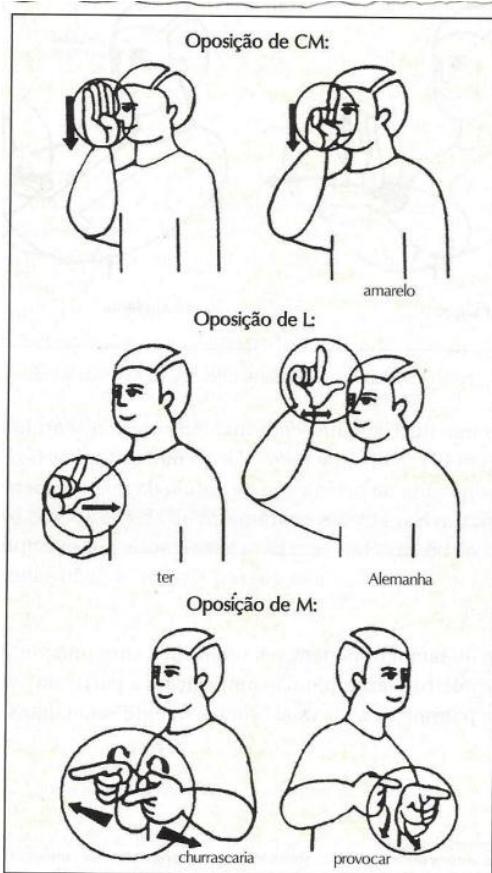
levantamos o polegar afirmando que está tudo bem, não estamos usando uma língua de sinais e sim uma linguagem gestual interativa. Uma língua tem elementos próprios que a constituem e a caracterizam: vocabulário, expressões regras gramaticais e alfabeto. Estas podem se dividir entre naturais e artificiais ou construídas. As línguas naturais surgem espontaneamente, a fim de atender as necessidades de comunicação de um determinado grupo, enquanto que as artificiais são criadas para um fim específico, como o caso do esperanto, idioma inventado com a finalidade de tornar-se uma língua mundial oficial.

Assim como a língua oral, há diferentes tipos de língua visual-espacial: Língua Gestual Portuguesa (LGP), Língua Angolana de Sinais (LAS), Língua Moçambicana de Sinais (LMS) a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e algumas que ainda não foram formalmente oficializadas. Gesser em seu livro LIBRAS? que língua é essa? (2009, p.13) faz um breve comentário sobre a tentativa de universalização da língua de sinais, com a criação do gestuno ou língua de sinais internacional, que assim como o esperanto, é uma língua artificial: "A comunidade surda, de forma geral, não considera o gestuno uma língua "real", uma vez que foi inventada e adaptada".

Ao longo da história, grupos de pessoas surdas tem usado língua de sinais para se comunicarem entre si. Ainda não foi encontrada nenhuma relação entre a língua sinalizada e a oral de um mesmo país, ou seja, a língua de sinais surge naturalmente, como uma necessidade da pessoa surda e não como uma adaptação visual e espacial da que é falada pelos ouvintes. Gesser (2009, p.15) apresenta algumas diferenças entre LIBRAS e a língua portuguesa:

Nas línguas orais, por exemplo, pata e rata se diferenciam significativamente pela alteração de um único fonema: a substituição do /p/ por /r/. No nível lexical, temos em LIBRAS pares mínimos como os sinais grátil e amarelo (que se opõem quanto à CM), churrascaria e provocar (diferenciados pelo M, ter e Alemanha (quanto à L).

FIGURA 4 - Diferenças entre sinais



Retirado e adaptado de Capovilla & Raphael (2001: 174-1242).

Fonte: Gesser (2009).

Em termos linguísticos as línguas de sinais têm o mesmo nível de complexidade das línguas orais, o que contesta o conceito de que a língua visual-espacial é apenas uma linguagem. Apesar dos inúmeros estudos que validam as línguas sinalizadas, ainda há por parte da comunidade em geral, um enorme preconceito devido ao desconhecimento que as fundamentam e alguns ainda as confundem com a mímica. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais apresentam altos níveis de complexidade, incluindo gramáticas amplamente estruturadas e um alfabeto definido.

Na língua de sinais, assim como na língua oral, o uso do alfabeto limita-se, quando necessário, ao soletramento para quando refere-se à siglas, endereços, nomes e na descrição de palavras novas. Os nomes próprios geralmente são rebatizados dentro das relações de convivência com surdos, onde o indivíduo pode tanto soletrar o seu nome, como mostrar o sinal que o representa. O sinal escolhido

para representar o nome de uma pessoa está relacionado à alguma característica física ou cultural pessoal, podendo ser a combinação da letra do nome com o óculos, caso a pessoa use ou mesmo relacionado à sua profissão.

Apesar desta seção chamar-se 'mãos que falam', é importante lembrar que a língua de sinais não limita-se apenas aos movimentos manuais. A postura ou o movimento do corpo, como a posição da cabeça, da sobrancelha, dos olhos, das bochechas e da boca, são usados em combinações diferentes, resultando na expressão de informações distintas. Uma alteração sutil de um destes elementos corporais pode modificar a mensagem emitida, por isso, assim como qualquer outra língua oral, as línguas de sinais apresentam um alto grau de complexidade em seu uso, exigindo que o ouvinte, que deseje aprender uma determinada língua de sinal, desprenda-se de sua língua materna.

Apesar de existir tentativas de registro das línguas de sinais, a maioria das comunidades surdas não vêm a necessidade desse tipo de formalização. Alguns desses registros limitam-se apenas ao desenho das mãos, excluindo todos os outros detalhes do movimento corporal utilizado nas línguas visuais e espaciais. Sistemas baseados na fonética da sinalização são mais detalhados e geralmente atendem as necessidades de pesquisadores, com finalidades de documentação linguística. Também há aqueles que utilizam desenhos de determinados sinais, com fins pedagógicos.

A interpretação da língua de sinais tem sido vastamente utilizada, com o objetivo de facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, porém é importante ressaltar que a função deste intérprete ouvinte, apresenta-se como um desafio ainda

maior se comparada à interpretação de línguas orais. Isto se dá devido ao fato deste intérprete não ser um nativo de uma língua visual-espacial, o que constitui em um desafio ainda maior. Há intérpretes ouvintes que são considerados como surdos. Estes apresentam, ao sinalizarem, uma naturalidade tão grande que impressionam os surdos. Este fato também ocorre em falantes de uma língua estrangeira oral, aprendida na fase adulta da vida de um indivíduo, por apresentarem uma pronúncia tão semelhante a de um nativo.

Assim como acontece com as línguas orais, as línguas de sinais também apresentam expressões e vocabulários próprios em determinados grupos sociais, como é o caso das gírias e das expressões regionais. No Brasil nós temos a LIBRAS

que é reconhecida nacionalmente, assim como a língua portuguesa, porém algumas palavras são criadas em um determinado contexto ou são utilizadas para definições diferentes, como é o caso da palavra canjica da língua brasileira oral, pois na Paraíba é utilizada para designar um alimento cremoso feito de milho enquanto que no Rio Grande do Sul, define um outro tipo de alimento, conhecido na Paraíba como mungunzá.

Gesser (2009, p. 81-82) em suas considerações finais afirma que

Pode-se dizer que as línguas de sinais são autônomas e não se originaram e nem dependem das línguas orais para existirem, mas nem por isso seus falantes deixam de incorporar termos e empréstimos linguísticos em seu repertório discursivo de uso. Como todas as línguas faladas, a LIBRAS também varia no território brasileiro, apresentando regionalismos, variedades e "sotaques", de norte a sul e, atualmente, alguns pesquisadores começam a investigar e testar um sistema de escrita, para descolá-la do status de língua ágrafa.

3.2 OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA

O mundo contemporâneo é construído sobre imagens. A expressão 'a imagem é tudo' nos remete ao conceito de valores baseados no aspecto visual, quer seja físico, material ou espiritual. Através do olhar, o indivíduo dotado de visão, analisa o que vê de acordo com parâmetros relacionados a sua própria cultura. O culto ao corpo fisicamente perfeito, segundo os padrões de uma determinada sociedade, leva as pessoas a investirem tempo e dinheiro em atividades físicas, ingestão de suplementos e anabolizantes, dietas alimentares, preenchimento facial-corporal e cirurgias plásticas.

Para manter uma boa aparência, também há um alto investimento na compra de roupas e acessórios, maquiagens, produtos e tratamentos para os cabelos, unhas e pele. A fim de conseguir um determinado emprego, além de boas referências, recomenda-se que o candidato esteja vestido de acordo com as exigências do cargo a ser ocupado. O mundo da moda determina, não apenas as tendências de cada estação, mas também o perfil de cada grupo social. São poucos aqueles que resistem aos apelos comerciais e os clientes sentem-se honrados em

fazer propaganda gratuita das marcas que usam, mesmo sabendo que pagaram um alto preço para obtê-las.

A imagem consegue interferir na área menos material de nossas vidas: a espiritual. Para demonstrar que você professa determinada fé, a sociedade de um modo geral o julga de acordo com as suas vestimentas. Como diz o ditado popular "o hábito faz um monge", ou seja comumente identificamos um padre, uma freira, um pastor, uma rabino, um pai de santo e até mesmo um monge, pelas roupas que usa. Também o mesmo pode-se dizer acerca de outros profissionais como um bombeiro, um policial, um atleta ou um empresário. É claro que toda regra há exceção, mas mesmo sabendo que "as aparências enganam", quem deseja correr o risco?

O mundo da publicidade sabe muito bem como utilizar-se deste apelo visual, tão sedutor aos seres humanos dotados da visão. Aproveitando-se ou mesmo determinando o conceito vigente do belo, os empresários investem milhões em comerciais, na pretensão de triplicar seus lucros. A velocidade da mensagem transmitida através da imagem, tem estimulado o aumento do mercado de trabalho na área de marketing. Uma logo comercialmente tecnicamente estruturada, pode falar mais sobre um produto do que um slogan.

Baseando-se na força que o sentido da visão exerce sobre um indivíduo ouvinte, podemos concluir que o mesmo ocorre, com ainda mais intensidade, sobre a cognição do indivíduo surdo. O processo de comunicação da pessoa surda dá-se através da expressão e da percepção visual. Quadros em seu livro Educação de Surdos - A aquisição da linguagem (2004, p.46) afirma que "... as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço."

Apesar da força que a imagem exerce sobre a nossa sociedade, ainda há uma forte influência da comunicação oral, ditando assim os padrões visuais estabelecidos pelas mídias audiovisuais. É emergente a ampliação do uso de recursos educacionais que estimulem uma avaliação crítica da imagem. Neste aspecto, incluímos também a cultura visual do surdo, que é pouco considerada, devido ao fatos destes grupos constituírem uma minoria, geralmente integrante de classes sociais menos favorecidas economicamente. Não existe uma consciência natural ao ser humano e as conquistas deste grupo, deve-se à inúmeras lutas

sociais a fim de garantir aos indivíduos surdos, os direitos humanos fundamentais à vida.

Santaella (2012) em sua obra Leitura de Imagens propõe a realização de uma análise de figuras fixas, que podem ser representadas em superfícies impressas e planas, como as pinturas, os desenhos, as ilustrações em livros, nos projetos de design e em obras publicitárias, buscando os aspectos que as identificam esteticamente. O objetivo deste livro é propor uma leitura visual aprofundada, a fim de proporcionar o pensamento crítico. Este tipo de proposta pode ser útil para o processo educativo do indivíduo com surdez, estimulando o desenvolvimento cognitivo daqueles que naturalmente tem a visão como o seu principal sentido para a apreensão do mundo que o cerca.

Entre as mídias atuais, a televisão e os vídeos disponíveis na internet, são os mais utilizados pelos surdos, mesmo aqueles dedicados aos ouvintes. Apesar de não ser produzido baseado nos parâmetros da cultura de surdos, o audiovisual ainda é uma das formas de entretenimento mais procuradas pelas pessoas com surdez, devido ao seu caráter cenográfico e dramático. Há porém alguns programas dedicados aos surdos, como é o caso da proposta de telejornal visual, utilizada por algumas TVs, como a TV Brasil e a Rede Minas.

Sendo a imagem o elemento mais importante para a comunicação do surdo, faz-se necessário o surgimento de novas iniciativas na área do audiovisual, a fim de atender às necessidades das pessoas com surdez. Almeida (2004, p.61), em seu artigo A televisão e a comunidade surda: um olhar sobre as diferenças, ao comentar sobre o aspecto comercial de algumas emissoras de televisão, afirma que

Se o interesse da televisão é vender produtos, mesmo que simbólicos ou publicitários, se não é interesse substituir o papel da Escola (embora eduque), se o interesse é entreter seu público para ganhar audiência, por que não proporcionar aos Surdos o direito à participação desse mercado e, acima de tudo, o de construir uma sociedade que respeite as diferenças?

Seja por motivos de interesse econômico ou por questões éticas relacionadas ao compromisso com a sociedade e suas minorias, a televisão precisa atender também às necessidades da comunidade surda, garantindo assim o direito, sobretudo dos menores de idade, citados no Artigo nº4 do Estatuto da Criança e do

Adolescente, no que diz respeito, entre outros, ao direito à educação, à cultura e ao lazer. É importante o incentivo à produção de programas audiovisuais que valorizem a imagem na fruição de seus conteúdos, como os que utilizam a LIBRAS, a legenda para surdos ou a estética dos desenhos animados que não necessitam de diálogos para a compreensão de suas narrativas, como é o caso da clássica série animada, Tom e Jerry, criada por William Hanna e Joseph Barbera.

3.3 E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), criado no século XIX, pelo surdo francês E. Huet, era chamado de Collégio Nacional para Surdos-Mudos. Este estabelecimento de ensino atendia estudantes de ambos os sexos. Inspirado no Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges (França) e com o apoio do governo imperial, nasce em 1º de janeiro de 1856, a primeira escola inclusiva do Brasil.

Na mesma data é lançada por Huet a primeira proposta de ensino para pessoas com surdez. O currículo básico contemplava as disciplinas de Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escritação Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura sobre os Lábios. Por muitos anos esta foi a única instituição de educação para surdos no Brasil e em países vizinhos.

Quase dois séculos depois, cumprindo o seu papel enquanto instituição inclusiva, devido ao ideário de modernização da década de 1950, no Brasil, ocorreu uma das mudanças mais significativas na instituição: a mudança da palavra "Mudo" pela palavra "Educação". Por seu pioneirismo e compromisso com a educação, profissionalização e socialização de surdos, o instituto tornou-se uma referência internacional.

Devido à nacionalidade de seu fundador Huet, a primeira língua de sinais utilizada pelos surdos no instituto tinha uma forte influência da praticada na França, espalhando-se pelo Brasil afora, levada pelos estudantes que concluíam o curso e voltavam para os seus estados de origem. No inicio do século XX, além da aprendizagem literária, os alunos do instituto também recebiam uma formação profissional e entre os cursos oferecidos estavam marcenaria, artes plásticas, sapataria, etc.

No final dos anos de 1980, os surdos iniciaram um movimento em defesa da oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mas que só foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005. Este decreto conteve vários outros itens que detalhava as especificidades do uso e da aquisição da língua, tais como sua difusão e uso em lugares públicos e privados. Desde esta conquista vai se consolidando no Brasil, uma proposta de educação bilíngue para surdos e este foi apenas o início de um final feliz para esta história.

Entre outros tantos materiais produzidos pelo INES, encontra-se a série de vídeos contendo histórias infantis narradas em LIBRAS. São alguns dos clássicos da literatura infanto-juvenil adaptados para o público de crianças surdas. Estes vídeos foram amplamente divulgados pelas emissoras públicas de televisão e internet, além disso foram distribuídos para todos os estados brasileiros, através de suas secretarias de educação, porém este espaço audiovisual, dedicado às pessoas com surdez, ainda estava apenas começando.

Voltando um pouco na história do desenvolvimento do cinema mundial e da televisão brasileira, observamos que desde o advento do cinema falado que a imagem, na produção audiovisual, criou uma dependência com o som. As possibilidades sonoras do áudio contribuiu para a diminuição da supervalorização do visual e sua estética dramática de interpretação. A comédia musical, *Cantando na Chuva* (1952), dirigido e coreografado por Gene Kelly e Stanley Donen, conta a história da transição do cinema mudo para o falado, onde novos desafios técnicos surgem na indústria cinematográfica, afetando não apenas questões econômicas na aquisição de novos equipamentos, mas também na profissionalização dos artistas, afetando a carreira de grandes atores, que foram formados para uma atuação corporal e não vocal.

Esta opção estética gerou certo comodismo na cultura de ouvintes, desestimulando a produção de filmes legendados em detrimento dos dublados, mesmo sabendo-se que há uma grande perda na riqueza sonora da trilha original. As salas de cinema que oferecem filmes dublados são preferidas por ouvintes. As TVs de canal fechado, divulgam filmes e seriados dublados como sendo um privilégio, alcançando assim uma maior audiência do que quando não havia esta opção. A legenda exige do público, não apenas o exercício da leitura, mas também a divisão da atenção entre imagem e texto, provocando um certo estresse cognitivo.

Da mesma maneira, o telespectador surdo precisa dividir o seu olhar entre a leitura das palavras e as cenas apresentadas de uma novela legendada ou ainda, entre as imagens da notícia de um telejornal e a janela com interpretação em LIBRAS para surdos. Se a opção do ouvinte em assistir um filme dublado é justificada pelo fato do mesmo desejar apreciar as imagens em sua totalidade, porque acredita-se que a pessoa com surdez se sentirá incluída, se desfrutar de um filme legendado em língua portuguesa, ou mesmo apreciando um programa de televisão que oferece um pequeno quadro no canto da tela, com interpretação em língua de sinais?

FIGURA 5 - Interpretação na língua de sinais em vídeo



Fonte: Imagem disponível na Internet², 2015.

Podemos dizer que a inclusão social acontece quando todos os direitos individuais são garantidos. No caso de programas de televisão para surdos, deve-se considerar os aspectos de sua cultura visual-espacial, principalmente se estes programas puderem atender tanto aos ouvintes como às pessoas com surdez. Um exemplo de programas audiovisuais inclusivos, é o telejornal visual exibidos pela TV Brasil e a Rede Minas, onde surdos e ouvintes podem desfrutar da mesma programação, devido ao seu caráter bilíngue, onde o apresentador sinaliza em

² Imagem encontrada em <http://gilbertoleda.com.br/tag/libras/>.

LIBRAS, acompanhado de um outro apresentador oralizado ou de uma narração em língua portuguesa . A opção estética destes programas, escolhida a fim de atender às necessidades das pessoas com surdez, não perdem em qualidade para os telejornais produzidos apenas para ouvintes. A riqueza visual destes programas atrai o público em geral, resultando em uma maior excelência técnica.

Diferente do recurso linguístico utilizado no jornal visual, o bilinguismo dos surdos está relacionado ao processo de aprendizagem de duas línguas, a língua de sinais, que é a sua língua nativa e a língua oral-auditiva de seu país de nascimento, apenas na forma escrita. No Brasil, vem crescendo o movimento que defende a criação de escolas bilíngues para pessoas surdas. Quadros (1997, p. 32) em seu livro Educação de Surdos - a aquisição da linguagem afirma em defesa do ensino bilíngue que "...o bilinguismo para surdos deve estar baseado no respeito pela diferença, na aceitação da cultura e língua da comunidade surda e na abertura de espaços para surdos adultos."

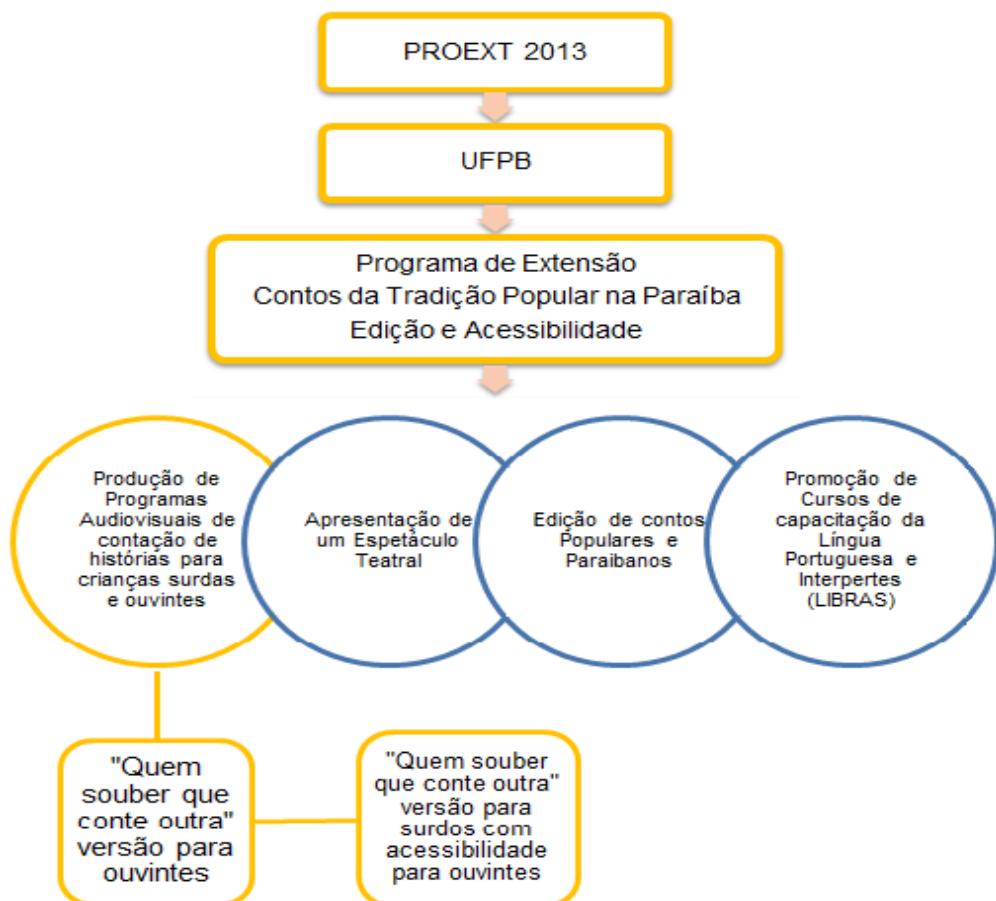
A exemplo da proposta bilíngue do jornal visual, o programa Quem Souber que Conte Outra, de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, que será produzido pela TV UFPB, pretende promover a inclusão de crianças surdas. A fim de compor a grade de programação da TV universitária da UFPB, este programa se propõe a servir de modelo para outras produções, estimulando o aumento de produtos audiovisuais factuais e ficcionais da instituição, visando o cumprimento de seu papel social.

AÇÃO!

4 ERA UMA, ERAM DUAS, ERAM TRÊS

'Quem Souber que Conte Outra' é o título do programa audiovisual de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, produzido pela TV UFPB, em parceria com o DEMID. Como podemos ver no organograma abaixo, a proposta desta produção, como uma das frentes de ação do programa de extensão 'Contos da Tradição Oral Nordestina - edição e acessibilidade' (PROEXT 2013/UFPB), propunha duas versões: uma exclusivamente para crianças ouvintes e outra para crianças surdas, com acessibilidade para as ouvintes.

FIGURA 6 – Organograma das frentes de ação do programa de extensão 'Contos da Tradição Oral Nordestina.



Fonte: SCHULZE, 2015.

O set de gravação, que estava devidamente preparado em uma das salas cedidas pela direção da Biblioteca Central, abrigava cuidadosamente o cenário multicolorido e os adereços preparados com beleza e criatividade. Uma estante de madeira pintada nas cores amarela, vermelha e verde, feita com caixotes de feira, guardam brinquedos populares, instrumentos musicais, um filtro de barro e uma quartinha de água.

Na parede cenográfica, que remetia à uma casa de taipa, estavam penduradas em um cabide sanfonado de madeira, as tradicionais canecas de plástico decoradas com chita. Uma tela pintada e uma coruja de pano, enfeitavam a outra parede da casa dos contadores de histórias. Uma cortina de fitas coloridas separava a sala do corredor imaginário, que supostamente dava para os quartos da casa.

Construído com muita imaginação, o cenário que outrora serviu de residência para a família de dona Maria e seu José, personagens do programa 'De Portas Abertas' da TV UFPB, agora enche-se de música e histórias do fantástico universo dos narradores populares. A zabumba, o triângulo, o pandeiro, a flauta e o violão, brincavam ao comando da sanfona.

Com base nas experiências adquiridas na área de teledramaturgia na TV UFPB e na arte de ler e contar histórias do grupo de teatro Engenho Imaginário, descritas na introdução deste relatório, iniciamos o processo de pré-produção do programa audiovisual 'Quem Souber que Conte Outra' para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, que constituía uma das frentes de ação do programa de extensão 'Contos da Tradição Popular na Paraíba - edição e acessibilidade', aprovado pelo MEC no edital do PROEXT 2013.

O desafio maior estava em propiciar uma experiência audiovisual, que pudesse ser desfrutada ao mesmo tempo, por crianças surdas e ouvintes, sem a necessidade da presença de um intérprete. Almejávamos encontrar um caminho que possibilitasse não apenas a apreciação das histórias apresentadas, mas também uma oportunidade de contato para o público, com a Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS.

Com o intuito de compartilharmos as informações encontradas referente ao projeto, criamos um grupo no face book intitulado 'Quem Souber que Conte Outra -

LIBRAS'. Deste grupo participavam os integrantes da equipe técnica da TV UFPB, os colaboradores externos à emissora e algumas pessoas da comunidade em geral. O conteúdo das postagens estavam sempre relacionados ao tema da pesquisa: contação de estórias para crianças surdas.

Seguindo o roteiro criado e o cronograma para a qualificação do projeto 'Quem Souber que Conte Outra - contação de histórias para crianças surdas com acessibilidade para ouvintes', iniciamos as atividades do projeto de pesquisa. A fim de otimizar o tempo do processo criativo, avaliávamos cada etapa concluída. Em alguns casos, procurávamos profissionais especializados no assunto, para uma melhor orientação técnica. Nesta teia produtiva, muitas parcerias foram estabelecidas, ampliando assim o número de colaboradores, como podemos observar nos créditos finais do programa.

Vejamos então a apresentação e a descrição do roteiro utilizado para o projeto de qualificação, apresentado pela estudante Valeska Picado Schulze, ao programa de Pós Graduação do Mestrado Profissional – Gestão em Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão.

Roteiro de produção do programa

1. Pré-produção:
 - 1.1 Encontros de área
 - 1.2 Seleção da história
 - 1.3 Produção e tradução dos roteiros
 - 1.4 Produção musical
 - 1.5 Produção do cenário
 - 1.6 Produção do figurino
 - 1.7 Oficinas
2. Produção:
 - 2.1 Ensaios
 - 2.2 Gravações
 - 2.2 Criação das animações
3. Pós-produção:
 - 3.1 Edição
 - 3.2 Finalização

1. PRÉ-PRODUÇÃO:

1.1 Encontros por área

Na etapa da pré-produção iniciamos com os encontros por áreas específicas. Estes encontros se deram tanto presencialmente como virtualmente, devido à incompatibilidade de horários, entre os integrantes da equipe e das inúmeras possibilidades de acesso, proporcionadas através da internet. A equipe de produção do programa foi constituída por profissionais de diferentes áreas, tais como: televisão, artes cênicas, literatura, educação, música, artes visuais e mídias digitais.

Com a equipe da TV UFPB realizamos uma pesquisa no youtube, de vídeos de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes. Nossa objetivo era investigar diferentes recursos utilizados nos programas, que apresentavam objetivos semelhantes. Seguem abaixo os links de alguns, que foram selecionados por nossa equipe, a fim de seguirem como inspiração para a nossa primeira proposta.

QUADRO 1 – Links dos vídeos de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes

IMAGEM	DESCRIÇÃO	LINK
	Fábula em LIBRAS: A Arara e o Macaco	http://youtu.be/fyfx1Xk-fAI
	Contação de histórias em LIBRAS: Chapeuzinho Vermelho	http://youtu.be/JuCVU9rGUa8
	Contação de histórias em Língua de Sinais Americana (ASL): Little Quack	http://youtu.be/zlaVjUNbws4

 <p>Cars and planes and a giant robot dinosaur!</p>	<p>Contação de histórias em Língua de Sinais Americana (ASL): Donkey Tooth Fairy</p>	<p>http://youtu.be/2M_Hj8UmJUI</p>
	<p>Signing Time: vídeo educativo que ensina Língua de Sinais Americana (ASL) para crianças</p>	<p>http://youtu.be/Yiz1lwS3NJY</p>
	<p>Senta que Lá Vem a História: quadro do programa da TV Cultura - Ratimbum - de contação de histórias para crianças</p>	<p>http://youtu.be/zryKA1KBtD8</p>
	<p>The Storymakers: programa britânico, produzido pela BBC, que apresenta histórias para crianças</p>	<p>http://youtu.be/B9pzz148rm8</p>

 <p>Best Fairy Tales</p>	<p>Cool School: programa educativo de contação de histórias em inglês</p>	<p>http://youtu.be/NSctt4HkyPc</p>
--	---	--

Fonte: Dados utilizados na pesquisa, 2015.

Depois de selecionados, enviamos os links dos vídeos via e-mail para os professores e técnicos colaboradores da produção do programa de TV, para que avaliassem os aspectos estéticos e pedagógicos da apresentação das histórias, ressaltando os pontos positivos e negativos de cada vídeo.

Esta avaliação foi feita em dois encontros presenciais, onde cada colaborador apresentou oralmente para a diretora do programa audiovisual, o que haviam observado. As colocações foram anotadas e, em um outro encontro com a equipe de produção da TV UFPB, foi retransmitida, com o objetivo de oferecer subsídios para a construção do roteiro técnico.

Entre as colocações, destacamos alguns aspectos, que foram considerados importantes no processo de criação do roteiro para a produção do programa audiovisual de contação de histórias para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, intitulado Quem Souber que Conte Outra:

- Durante as narrações, o(a) apresentador(a) que contará a história em LIBRAS ocupará a tela inteira, na proporção do joelho ao limite da cabeça (Plano Americano);
- Entre os trechos narrados, serão apresentadas as animações em 2D, também ocupando toda a tela, ilustrando o que foi anteriormente descrito pelo(a) apresentador(a);
- Tanto os trechos narrados, como os trechos animados, serão acompanhados de uma trilha sonora;
- A trilha sonora consistirá em tradução da LIBRAS para a Língua Portuguesa nos trechos narrados e de uma paisagem sonora nos trechos animados;
- Será utilizado um único cenário e o mesmo figurino para todos os trechos narrados;

- A fim de evitar a poluição visual, o cenário e o figurino não devem se sobrepor às necessidades da sinalização em LIBRAS pelo(a) apresentador(a);
- Para dar mais dinâmica à narrativa, o uso do alfabeto em LIBRAS pelo(a) apresentador(a) será apenas em casos extremamente essenciais;
- Caso necessário, serão criados e ensinados, novos sinais para as histórias que serão narradas;

Depois de vários encontros virtuais e presenciais, produzimos coletivamente o primeiro roteiro técnico de produção do programa audiovisual de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, intitulado 'Quem Souber que Conte Outra', que é composto pelos seguintes itens:

1º Vinheta de abertura do programa: contendo a imagem em movimento da cortina de fitas coloridas ao fundo e o título do programa, 'Quem Souber que Conte Outra', sobreposto;

2º Apresentação: o narrador(a) sinalizando em LIBRAS, acompanhado do áudio da tradução para a Língua Portuguesa em off e da trilha sonora, apresenta-se para os telespectadores, dizendo o seu nome soletrando, como também o sinal que o representa;

3º História: a história será contada através de cenas com narração sinalizada em LIBRAS, acompanhada do áudio traduzido para a Língua Portuguesa, intercaladas com imagens de desenhos animados em 2D, acompanhados com uma paisagem sonora;

4º Créditos: nomes de todos os participantes do programa com as suas respectivas funções, como também o de todas as instituições envolvidas.

A partir deste roteiro, demos continuidade às outras etapas do processo de pré-produção do programa.

1. 2 SELEÇÃO DA HISTÓRIA

Diante das inúmeras opções de narrativas populares, existentes no acervo do NUPPO, precisávamos escolher uma história, para ser adaptada e apresentada no programa piloto de contação de histórias para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, intitulado Quem Souber que Conte Outra. Os critérios para seleção da história foram os seguintes:

- Coerência com a ética cidadã e o respeito às diferenças socioculturais;
- Excelência literária;
- Faixa etária do público alvo.

Além do encantamento, a história selecionada, deveria cumprir com a sua função social, observando questões relacionadas ao respeito individual e a integridade cultural do povo brasileiro. Os contos que apresentavam preconceitos relativos ao gênero, à etnia e à religião, foram desclassificados. A qualidade da narrativa, característica que definiu a excelência literária do conto escolhido, foi um aspecto também importante para a seleção. A personalidade das personagens, a presença de um conflito humano, a riqueza de elementos culturais e a fantasia, foram os principais pontos observados.

A faixa etária escolhida como público alvo do programa audiovisual foi a de crianças entre seis (6) a oito (8) anos, pois é nesta fase em que elas encontram-se no estágio do pensamento intuitivo, onde a fantasia atua como instrumento para uma compreensão do mundo real, elementos essenciais para o desfrute das narrativa escolhida. O romance selecionado foi 'A História da Figueira', que conta a tradicional história da menina que foi enterrada pela madrasta.

1.3 PRODUÇÃO E TRADUÇÃO DOS ROTEIROS

O processo de roteirizarão do conto selecionado se deu em duas etapas:

- 1º Produção do roteiro em Língua Portuguesa para ouvintes;
- 2º Produção do roteiro em Língua Portuguesa para surdos.

Na primeira etapa, a diretora de artes cênicas da TV UFPB, adaptou o conto oral selecionado para a Língua Portuguesa para ouvintes. Em seguida, a adaptação foi traduzida pela apresentadora surda e pelo intérprete, para a Língua Portuguesa para surdos, dentro de uma proposta narrativa pessoal da própria apresentadora. Como podemos observar abaixo, há diferenças entre as estruturas descritas.

QUADRO 2 - ROTEIRO: A HISTÓRIA DA FIGUEIRA

LÍNGUA PORTUGUESA PARA OUVINTES	LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS
<p>1. Olá, meu nome é Ingrid</p> <p>2. E este é o meu sinal</p> <p>3. Hoje eu vou contar para vocês a história da figueira</p> <p>4. Prestem atenção que a história já vai começar!</p> <p>5. Era uma vez uma menina linda que tinha os cabelos loiros como os raios do Sol.</p> <p>6. A mãe da menina havia morrido e ela morava só com seu pai.</p> <p>7. Quando sua mãe ainda era viva, penteava e cuidava dos seus cabelos, como se fossem fiozinhos de ouro.</p> <p>8. Um dia chegou para morar na vizinhança uma mulher muito bonita.</p> <p>9. Todos os dias, para conquistá-la, a mulher dava à menina pão com mel.</p> <p>10. A menina se apegou tanto a mulher</p>	<p>1. Oi! Meu nome é: I-N-G-R-I-D</p> <p>2. Meu sinal é (mostra sinal)</p> <p>3. Eu vou contar a história de uma arvore de frutas do figo.</p> <p>4. Preste atenção: eu vou contar a história agora</p> <p>5. Era uma vez uma menina linda que tinha os cabelos loiros igual ao Sol.</p> <p>6. A mãe da menina morreu. Agora a menina morava só com o pai.</p> <p>7. Antes de morrer a mãe da menina penteava o cabelo da filha com amor.</p> <p>8. Tempo depois, uma mulher bonita chegou para morar vizinho a casa da menina.</p> <p>9. Todo dia a mulher dava à menina pão com mel.</p> <p>10. A menina gostou da mulher</p> <p>11. A menina pediu ao pai:</p> <p>12.- Pai, case com a mulher!</p>

<p>11.Que fez um pedido ao pai:</p> <p>12.- Por favor pai, case com a vizinha!</p> <p>13.Mas o pai disse a menina:</p> <p>14.Esta mulher é malvada, ela está mentindo.</p> <p>15.A menina insistiu:</p> <p>16. -Por favor pai! Case com a vizinha! Ela é boa!</p> <p>17.Mas tanto a filha insistiu que o pai acabou casando com a vizinha</p> <p>18.Todos os dias o pai da menina saia para trabalhar</p> <p>19.E quando o pai saia, a mulher maltratava a menina</p> <p>20.A menina tomava conta da figueira para o pássaro não bicar o figo.</p> <p>21.O pássaro queria bicar o figo, mas a menina não deixava</p> <p>22.Mas tão cansada ela estava que adormeceu</p> <p>23.e não viu quando o pássaro bicou o figo</p> <p>24.Quando a menina acordou, viu que o pássaro havia bicado o figo</p> <p>25.Quando a mulher descobriu, ficou tão furiosa</p> <p>26.Que enterrou a menina viva</p> <p>27.Quando o pai da menina voltou, perguntou a mulher:</p>	<p>13.O pai disse a menina:</p> <p>14.- Não. Ela não é uma mulher boa! Ela está mentindo!</p> <p>15.A menina pediu de novo:</p> <p>16.- Pai, por favor case com a mulher! Ela é uma mulher boa!</p> <p>17.A menina pediu muitas vezes para o pai se casar com a mulher e o pai casou.</p> <p>18.Todo dia o pai da menina saía para trabalhar.</p> <p>19.A mulher era malvada, porque depois que o pai saia para trabalhar a mulher batia na menina.</p> <p>20.A menina trabalhava olhando a figueira e espantando o pássaro.</p> <p>21.O pássaro queria bicar o figo, mas a menina espantava os pássaros.</p> <p>22.A menina ficou cansada e dormiu.</p> <p>23.O pássaro bicou o figo.</p> <p>24.A menina acordou e viu o figo bicado.</p> <p>25.A mulher descobriu e ficou zangada</p> <p>26.A mulher enterrou a menina viva.</p> <p>27.Depois o pai da menina voltou da viagem e perguntou a mulher:</p> <p>28.- Onde está minha filha?</p> <p>29.A mulher mentiu:</p> <p>30.- A menina foi embora de casa.</p> <p>31.O pai da menina ficou triste e</p>
---	--

<p>28.- Onde está minha filha?</p> <p>29.A mulher mentindo respondeu:</p> <p>30.- A menina fugiu de casa!</p> <p>31. O pai da menina chorou de tristeza</p> <p>32.Tempos depois, quando o capineiro foi arrancar o mato, ouviu uma canção:</p> <p>33.(Música) Capineiro do meu pai Não me corte meus cabelos Minha mãe me penteou Minha madrasta me enterrou Pelo figo da figueira Que o pássaro bicou</p> <p>34.Quando o capineiro reconheceu a voz da menina saiu correndo pra dizer ao patrão</p> <p>35.Ele contou ao patrão o que tinha acontecido.</p> <p>36.O pai da menina mandou que o capineiro cavasse</p> <p>37. e vendo que a filha estava viva</p> <p>38.Pedi que ela contasse tudo o que havia acontecido.</p> <p>39.Ao descobrir a verdade, o pai mandou a mulher embora.</p> <p>40.Pai e filha viveram felizes para sempre.</p> <p>41.Esta história terminou, mas quem souber que conte outra!</p>	<p>32. chorou.</p> <p>33.Muito tempo depois o capineiro foi arrancar o mato do quintal e ouviu a menina cantando:</p> <p>34.(Música) Capineiro por favor Não corte meu cabelo Minha mãe penteava meu cabelo A mulher me enterrou O pássaro bicou o figo</p> <p>35.O capineiro ouviu a voz da menina e correu para a casa do pai da menina.</p> <p>36.O capineiro contou ao pai da menina que ouviu a voz da menina.</p> <p>37.O pai da menina mandou o capineiro cavar</p> <p>38.A menina estava viva.</p> <p>39.O pai pediu a menina para contar tudo o que aconteceu.</p> <p>40.O pai descobriu a verdade e mandou a mulher embora.</p> <p>41.A menina e o pai ficaram juntos e felizes para sempre.</p> <p>42.Esta historia terminou, que souber conte outra</p>
--	---

Fonte: SCHULZE, 2015.

1.4 PRODUÇÃO MUSICAL

A fim de promover também a acessibilidade das crianças ouvintes, a estética escolhida para a narrativa dos contos foi a dos clássicos romances da tradição oral nordestina, onde os narradores populares contam e cantam suas histórias. A música, assim como o texto foram simultaneamente sinalizados e cantados. O romance escolhido foi 'A história da Figueira' que no momento em que a menina encontra-se enterrada, porém ainda viva, canta uma canção, como pedido de socorro, para que o capineiro, sabendo do ocorrido, possa avisar ao pai dela. Os versos cantados nessa história são os seguintes:

"Capineiro do meu pai
Não me corte os meus cabelos
Minha mãe me penteou
Minha madrasta me enterrou
Pelos figos da figueira
Que o pássaro bicou"

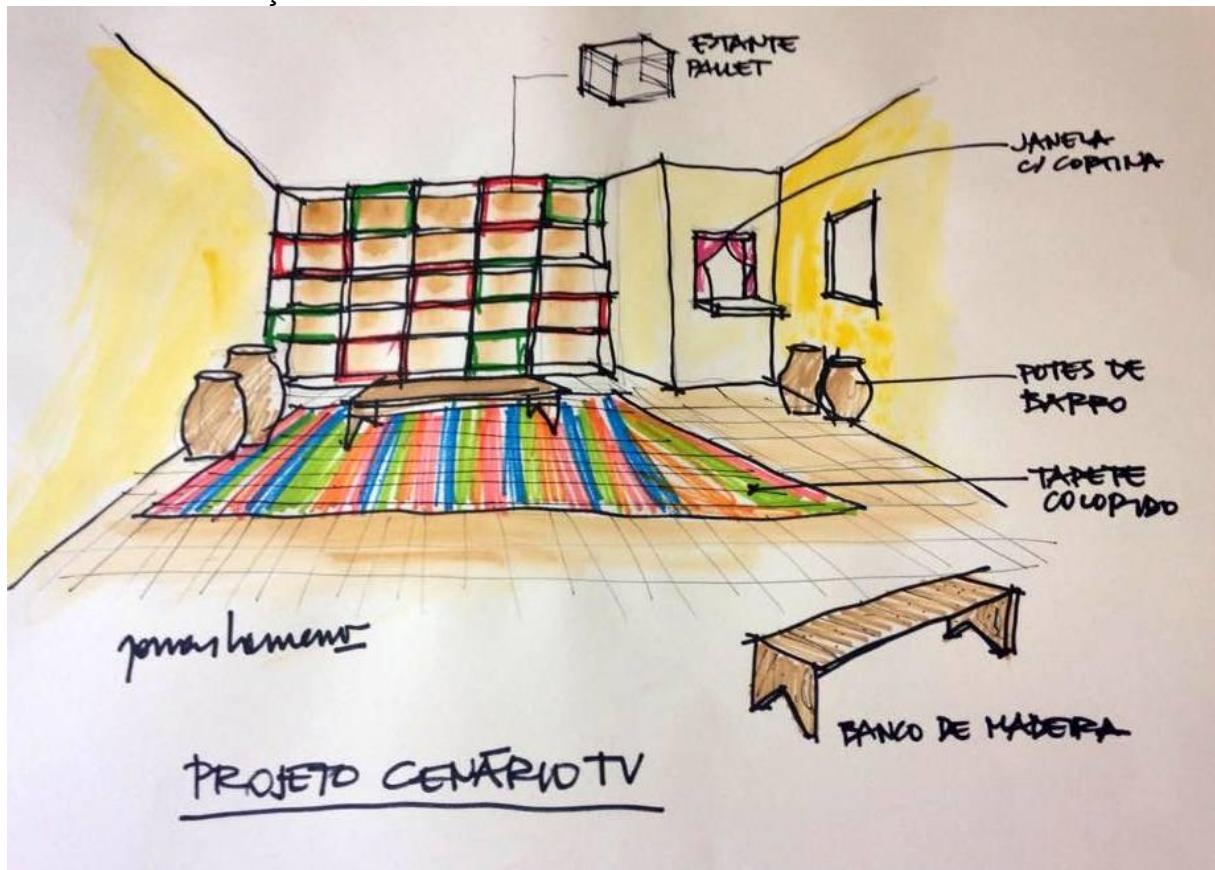
Outro ponto relacionado à produção musical é a presença de uma paisagem sonora, onde o canto dos pássaros, entre outros efeitos, foram utilizados para compor a trilha da narração da história, que também utilizou-se de variações vocais na interpretação das personagens, como por exemplo, quando a menina pede ao pai para casar-se com a vizinha: - "Pai, por favor, case com a vizinha!" - a narradora oral da história, modificou sua voz com o propósito de imitar a fala de uma criança. Todos esses recursos sonoros, visavam promover a acessibilidade das crianças ouvintes à história sinalizada em LIBRAS.

1.5 PRODUÇÃO DO CENÁRIO

Seguindo às orientações da diretora do programa audiovisual, de contação de histórias para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, intitulado Quem Souber que Conte Outra, o artista convidado, Jonas Lourenço, concebeu a proposta estética da cenografia. Esta proposta de criação foi baseada nos elementos da

cultura popular nordestina, inspirada no Movimento Armorial³, buscando um caráter poético e uma constante preocupação com o belo, mesmo se tratando do grotesco. Sua principal função era provocar o encantamento pela cultura nordestina, contestando os estereótipos que definem o popular como pitoresco, exótico, geralmente considerada como uma cultura menor.

FIGURA 7 – Esboço do Cenário



Fonte: Jonas Lourenço, 2015.

1.6 PRODUÇÃO DO FIGURINO

Acompanhando o mesmo perfil da proposta cenográfica, a fim de proporcionar uma unidade estética visual do programa, o figurino também criou-se com base nos preceitos do Movimento Armorial. O(A) apresentador(a),

³ O movimento Armorial, idealizado pelo dramaturgo e romancista Ariano Suassuna (1927-2014), foi um movimento que buscou criar uma arte genuinamente brasileira, resultante dos processos migratórios, ocorridos no país, desde à chegada dos portugueses.

representando um Brincante, termo usado pelo artista popular nordestino, para se autodefinir, caracterizou-se com roupa e acessórios criados com tecidos e aviamentos característicos da região. O algodão cru, a chita, as sianinhas, os babados e as fitas de cetim, compunham a vestimenta do narrador da história e dos músicos. O elemento presente em todos os figurinos foi o Fuxico, denominação dada a um determinado tipo de artesanato feito com tecido.

FIGURA 8 - Amostra do figurino



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 9 - Artesanato (fuxico)



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

1.7 OFICINAS

Entre as atividades propostas na frente de ação, do programa 'Contos da Tradição Popular Nordestina - edição e acessibilidade, referente à produção do programa audiovisual de contação de histórias, para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, realizada pela equipe da TV UFPB, constava a oferta de oficinas para a comunidade em geral.

As duas oficinas ofertadas foram as seguintes:

1. A arte de contar histórias para crianças surdas e ouvintes;
2. Apresentador(a) de programa de televisão

A oficina intitulada 'A Arte de Contar Histórias', ministrada pela diretora de artes cênicas da TV UFPB, foi realizada em dois módulos. O primeiro para ouvintes e o segundo para surdos, com a participação de uma intérprete em língua de sinais.

Realizada também em dois módulos, a oficina de 'Apresentador(a) de TV', foi ministrada pelo ator e diretor de cinema, Odécio Antônio, que contou com a participação da mesma intérprete, para a etapa com surdos. O apresentador selecionado, para participar da primeira gravação do programa piloto audio, intitulado Quem Souber que Conte Outra, foi aquele que demonstrou o melhor resultado nos exercícios propostos durante as oficinas.

2. PRODUÇÃO:

2.1 Ensaios

Com a presença do intérprete, o apresentador selecionado participou dos ensaios para a gravação do programa audiovisual 'Quem Souber que Conte Outra', seguindo o esquema de trabalho, proposto pela direção do programa. Este esquema consiste primeiramente na leitura e na interpretação do roteiro traduzido para a Língua Portuguesa para Surdos, seguida de repetições do texto narrado, até a completa memorização da história.

2.2 Gravações

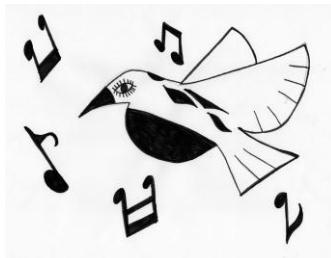
O romance escolhido para a gravação do programa piloto de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, foi o mesmo do primeiro piloto produzido pela TV UFPB: A história da Figueira. Neste episódio foram usadas animações em 2D para ilustrar a narração sinalizada. Este romance conta a história da menina que foi enterrada pela madrasta. A primeira gravação do programa piloto ocorreu na sala 2014 da Biblioteca Central da UFPB. Participaram desta ação a equipe técnica da TV UFP, um intérprete em LIBRAS e o apresentador selecionado. A equipe da TV UFPB foi composta por funcionários e estagiários que exerceram as seguintes funções: cinegrafista, diretor de iluminação, diretor de áudio, produtor de set, assistente de set e diretor de programa.

2.3 Criação das animações

As animações em 2D, utilizadas como apoio visual para as narrações das histórias, foram produzidas em parceria com estudantes de graduação do curso de

Comunicação em Mídias Digitais da UFPB, com a supervisão dos professores de desenho e animação e a equipe de edição da TV UFPB. Os desenhos foram criados pela diretora do programa e o tratamento artístico foi realizado pelo artista gráfico Breno Ranyere, responsável pela arte final.

FIGURA 10 - Desenho do pássaro



Fonte: SCHULZE, 2015.

FIGURA 11 – Desenho da figueira



Fonte: SCHULZE, 2015.

FIGURA 12 - Cenas da história da figueira



Fonte: Breno Ranyere, 2015.

3. PÓS-PRODUÇÃO:

O trabalho de pós-produção do programa audiovisual de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes, intitulado 'Quem Souber que Conte Outra', foi deu-se em duas etapas: edição e finalização. O mesmo foi realizado por profissionais das áreas de edição de vídeo e áudio, arte digital, animação e direção geral, funcionários e estagiários do quadro da TV UFPB e do DEMID, com a colaboração de artistas e estudantes voluntários.

Esta última etapa, podemos dizer, que foi a mais desafiadora, pois é no fazer artístico e técnico, que colocamos a prova a nossa pesquisa. É na prática que a teoria se consolida, como suporte para o uso das ferramentas necessárias a esta produção. Por isso denominamos este momento de um 'NO AR', onde munidos com os artefatos teóricos e práticos, iniciamos o fazer propriamente dito, a fim de produzir um material audiovisual, que poderá servir como modelo para outras produções do mesmo gênero.

NO AR!

5 ESTA HISTÓRIA ENTROU POR UMA PORTA E SAIU POR OUTRA

Segundo descrevemos no capítulo anterior, a versão do programa audiovisual de contação de histórias para crianças ouvintes baseou-se na estética nordestina, das narrativas populares, da arte primitiva, da literatura de cordel, da influência da música popular paraibana, da arquitetura rural e do artesanato local. Os elementos cenográficos e o figurino continham objetos deste universo geográfico e cultural.

FIGURA 13 - Elementos cenográficos



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

A parede da casa de taipa, a cortina de fitas, o filtro e a quartinha d'água de barro, a estante improvisada feita com caixotes de madeira, os brinquedos populares, o banco e o tamborete, entre outros elementos compunham a cenografia. Já o figurino, foi customizado com tecidos característicos da região, como chita e algodão, utilizados criativamente a partir da composição de retalhos e bordados.

FIGURA 14 – Figurino



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Toda esta riqueza visual tinha como objetivo atrair a atenção das crianças ouvintes e surdas. O resultado estético obtido correspondeu às nossas expectativas, estimulando visualmente os pequenos telespectadores a permanecerem focados nas histórias contadas. Satisfeitos com o resultado alcançado na proposta para ouvintes, iniciamos a gravação do programa piloto para crianças surdas com acessibilidade para crianças ouvintes, utilizando o mesmo cenário e figurino do programa produzido exclusivamente para ouvintes.

Depois de gravarmos e editarmos o programa piloto para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, seguindo a mesma proposta cenográfica e o mesmo figurino utilizado na gravação do programa de contação de histórias, exclusivo para crianças ouvintes, produzido pela TV UFPB, observamos, segundo os aspectos visuais do resultado obtido, que a proposta estética do programa para crianças surdas, deveria seguir um outro modelo, atendendo assim as necessidades visuais específicas deste público.

Ainda seguindo a versão do programa 'Quem Souber que Conte Outra', exclusivo para crianças ouvintes como modelo, decidimos reduzir a quantidade de elementos cenográficos, buscando assim uma maior limpeza na leitura visual. Dos elementos que compunham o cenário, permanecemos com a parede pintada de

amarelo claro, a cortina de fitas coloridas, a parede que remete à feita de taipa e alguns poucos objetos.

FIGURA 15 – Cenografia



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Para a nova proposta de figurino, não aproveitamos nenhuma das peças utilizadas na versão do programa 'Quem Souber que Conte Outra', gravado exclusivamente para crianças ouvintes, já que o colorido das estampas e dos enfeites, não contribuíam para uma melhor visualização dos sinais. Em busca de uma limpeza visual objetivando uma melhor compreensão da história contada através de sinais, selecionamos alguns elementos pessoais do vestuário, como vestidos e blusas, em cores variadas, sem estampas, como experimentação em busca de uma nova paleta, para a composição do novo figurino.

FIGURA 16 - Figurino

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 17 - Figurino

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 18 - Figurino

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 19 - Figurino

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Após finalizarmos a edição do programa piloto para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, com as devidas alterações feitas, seguindo a proposta cenográfica utilizado na gravação do programa de contação de histórias, para crianças ouvintes, com a redução de alguns elementos e a nova proposta de figurino, observamos que, ainda assim, não havíamos obtido a limpeza visual esperada.

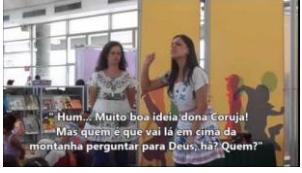
A cortina de fitas coloridas chamavam mais atenção que a sinalização da apresentadora do programa, como também a cor da parede que remete à parede de taipa, se confundia com a cor das mãos da apresentadora. Os objetos decorativos também se apresentavam como elementos de distração para os telespectadores, nos levando a concluir que precisaríamos encontrar um novo modelo a ser seguido.

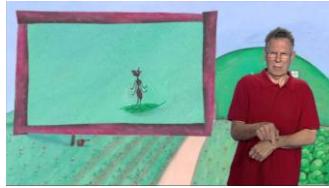
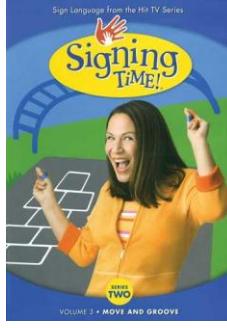
Em busca desse novo modelo, fizemos uma busca na internet, revisitamos alguns sites e assistimos vídeos relacionados à nossa pesquisa, a fim de realizar um levantamento de alguns programas de contação de histórias em língua de sinais, como também de outros produtos audiovisuais destinados à comunidade de surdos,

em diferentes países. Entre o material encontrado, destacamos os que apresentavam possibilidades técnicas afins de visualização para crianças surdas. Foram estes:

QUADRO 3 - Programas Selecionados

IMAGEM	DESCRÍÇÃO	LINK
	Chapeuzinho Vermelho Histórias infantis em LIBRAS produzido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	https://youtu.be/JuCvU9rGUa8
	João e Maria Histórias infantis em LIBRAS produzido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	https://youtu.be/ngloT4X2JdY
	Carrossel Animado - Professora de libras ensina a cantar música do Patati e Patatá Programa infantil produzido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)	https://youtu.be/icHiSlr0uUQ
	Patinho Feio Clássicos das histórias infantis em LIBRAS	https://youtu.be/sBBulj3HOtM

 <p>Hum... Muito boa ideia dona Corujinha! — Mas quem é que vai lá em cima da montanha perguntar para Deus, he? Quem?</p>	<p>Contação de histórias em Libras com o Grupo Mãos de Fada</p>	<p>https://youtu.be/pA7My4-LqD8</p>
	<p>Contação de histórias em LIBRAS</p>	<p>https://youtu.be/J2Q3ijA9U2I</p>
 <p>A mother held her new baby and very slowly rocked him back and forth, back and forth; back and forth.</p>	<p>ASL Storytelling - Love You Forever</p> <p>Vídeo educativo de estímulo à leitura de livros, através da contação de histórias na Língua de Sinais Americana (ASL)</p>	<p>https://youtu.be/F8ynU0_b4b4</p>
	<p>Little Quack on DVD in American Sign Language (ASL)</p> <p>Vídeo educativo de estímulo à leitura de livros, através da contação de histórias na Língua de Sinais Americana (ASL)</p>	<p>https://youtu.be/zlaVjUNbws4</p>
 <p>Looking up, Peter noticed there were trees all around him. He then found a stick on the ground, and proceeded to pick it up.</p>	<p>THE SNOWY DAY in ASL</p> <p>Vídeo educativo de estímulo à leitura de livros, através da contação de histórias na Língua de Sinais Americana (ASL)</p>	<p>https://youtu.be/_e7yJc2srGw</p>

	<p>British Sign Language - 'Ant and the Big Bad Goat'</p> <p>Vídeo educativo de estímulo à leitura de livros, através da contação de histórias na Língua Britânica de Sinais (BSL)</p>	<p>https://youtu.be/hB5mWJcVZp0</p>
	<p>CBeebies: Magic Hands - Books Poem - British Sign Language BSL</p> <p>Vídeo educativo de estímulo à leitura de livros, através da interpretação de poemas na Língua Britânica de Sinais (BSL)</p>	<p>https://youtu.be/T29MFnURidM</p>
	<p>Baby Sign Language</p> <p>Vídeo educativo do ensino da Língua Americana de Sinais (ASL) para bebês</p>	<p>https://youtu.be/NQgykgn3EjM</p>
	<p>Signing Time</p> <p>Vídeo educativo do ensino da Língua Americana de Sinais (ASL) para crianças</p>	<p>https://youtu.be/JacaV5KNqjY</p>

Fonte: Dados utilizados na pesquisa, 2015.

Entre os vídeos descritos acima, 'Signing Time' (em português 'Hora de Sinalizar') e 'Baby Sign Language' (Língua de Sinais para Bebês) foram os escolhidos como modelo visual, para a produção do programa piloto 'Quem Souber que Conte Outra' para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes. Apesar de serem destinados para públicos diferentes, ambos foram produzidos pela mesma equipe e apresentam o mesmo objetivo: difundir a Língua Americana de Sinais.

'Signing Time' é um programa de televisão que ensina desde 2006, American Sign Language (ASL), que em português se traduz como Língua de Sinais Americana. Gravado nos Estados Unidos da América, este programa foi criado pelas irmãs Emilie Brown e Rachel de Azevedo Coleman, que estimuladas pelo fato da filha de Rachel haver nascido surda, decidiram produzir um material educativo, que servisse como suporte às crianças surdas e seus familiares.

Esta história começou assim: em 1996 nasceu Leah, filha de Rachel Coleman. Quando Leah tinha um ano e dois meses, seus pais descobriram que sua filha havia nascido surda. A fim de estabelecer um elo de comunicação familiar, os pais de Leah aprenderam sinais. Rachel percebeu que seis meses após ensinar sinais a sua filha Leah, o vocabulário dela era superior ao das crianças ouvintes da mesma idade. A irmã de Rachel, Emilie Brown e o seu marido, também aprenderam ASL e ensinaram ao recém nascido, novo primo de Leah, Alex, a fim de que pudesse se comunicar com sua prima. Para a surpresa de todos, apesar de ser uma criança ouvinte, Alex aprendeu rapidamente.

Anos mais tarde, Rachel teve uma segunda filha, Lucy, que havia nascido prematura, com espinha bífida e paralisia cerebral. Segundo a avaliação médica, seria muito difícil que ela pudesse chegar a falar algum dia ou mesmo se comunicar através de sinais. Em paralelo ao nascimento de Lucy, sua mãe e sua tia Emilie produziram o primeiro volume da série 'Baby Sign Language' e como resultado desta experiência, Lucy começou a sinalizar e mais tarde a falar, o que ajudou na conclusão de que o uso da língua de sinais tanto era benéfico para crianças surdas, como para ouvintes.

Rachel e Emilie decidiram criar um material audiovisual para ensinar ASL para crianças ouvintes, que pudesse ser acessível para todas as crianças e foi assim que nasceu a 'Two Little Hands Productions' (em português Duas Mãos Produções), uma empresa de produtos educativos para todas as crianças. Devido a seriedade e à qualidade técnica do material, rapidamente a empresa foi se desenvolvendo e ampliando suas produções. A partir destas ações foi instituída a fundação 'Signing Time!', que tinha como objetivo ensinar ASL para crianças com ou sem deficiências, através de projetos de inclusão social. Como podemos observar, esta foi mais uma iniciativa que nasce, movida pela emoção de familiares e pessoas

com necessidades especiais. É no coração onde nasce a luta pelo direito integral à vida.

De todos os projetos criados pelas irmãs norte americanas, Rachel e Emilie. gostaríamos de destacar apenas dois: 'Signing Time' e 'Baby Sign Language'. 'Signing Time', programa de televisão dedicado às crianças surdas e ouvintes, em fase pré-linguística e em processo de desenvolvimento da língua, visando atender um público de uma faixa etária que varia de dois a oito anos de idade. 'Baby Sign Language', mantém a mesma proposta, porém destina-se a crianças até dois anos

Apenas diferindo a faixa etária do público, a proposta dos dois programas é igual: visa estimular o processo de aquisição da ASL através dos sentidos da visão e da audição, assim como também da expressão corporal. As crianças são atraídas através da variedade de estímulos, utilizados através da sinalização, das canções, da fala e da dança. Esta proposta é baseada em pesquisas que apontam para a premissa que, quanto mais cedo haja o desenvolvimento das habilidades comunicacionais na criança, mais cedo também será desenvolvido um relacionamento com os pais da criança, além da redução das frustrações, geradas pela falta de comunicação decorrente do período anterior a fala das crianças ouvintes.

O projeto Baby Sign Language disponibiliza virtualmente, através do web site, recursos de apoio ao desenvolvimento de uma ASL. Desenvolvido pedagogicamente para atender às necessidades de crianças que se encontram em processo de aquisição da fala. Os desafios diários enfrentados pelos pais, como compreender se a criança está com sede, com fome, com frio ou qualquer outra necessidade básica, é considerada como importante item comunicacional. Elas perceberam que seus filhos eram mais tranquilos depois que aprenderam a sinalizar.

Após as primeiras experiência vividas por estas famílias, vários amigos as instigaram a ampliação desta proposta de comunicação sinalizada com outros pais e assim foi crescendo esta ideia. Enquanto projeto, o Babysignlanguage está em constante atualização, através da análise do retorno recebido via e-mail (questions@babysignlanguage.com e pelo telefone (855) 827-5275, pelos outros pais que experimentam esta ferramenta de comunicação com seus filhos que se encontram em fase anterior a fala.

A história do estudo da Língua de Sinais para Bebês tem sua raiz no século XIX, quando o linguista William Dwight Whitney faz uma curiosa observação: crianças, filhas de pais surdos, que se comunicavam com seus pais através de sinais, aos seis meses de vida, processo de interação familiar que ocorria um ano antes das crianças filhas de pais ouvintes. Whitney era professor em Yale e escritor do dicionário Webster. Enquanto estudava a comunidade surda, ele comentou sobre a superior habilidade comunicacional dessas crianças com seus familiares. Apesar de viverem em um ambiente considerado desvantajoso as crianças ouvintes, filhas de pais surdos, que usavam sinais para se comunicarem com seus pais, apresentaram desenvolvimento superior para a fala em relação às filhas de pais ouvintes, que não usavam sinais.

Ele observou que as crianças ouvintes, filhas de pais surdos, que se comunicavam com seus familiares através de sinais, apesar de conviverem com pais não falantes, iniciavam o desenvolvimento da fala na idade esperada, igual as crianças filhas de pais falantes. Whitney concluiu que a sinalização, não apenas ajudava as crianças a se comunicarem mais cedo, como também ajudava na aprendizagem do processo de desenvolvimento da fala. Whitney não avançou em seus estudos e esta curiosidade sobre crianças ouvintes, filhas de pais surdos, que sinalizavam desde os seis meses, estacionou por aproximadamente um século, sendo apenas redescoberta no ano de 1970.

O próximo passo em relação à pesquisa iniciada por Whitney, foi dado pelo Dr Joseph Garcia, intérprete em língua de sinais americana, American Sign Language (ASL). Ele observou que os filhos de seus amigos surdos, se comunicavam com seus pais desde os seis meses de vida e apesar de conviverem com pais não falantes, estas crianças já possuíam um vocabulário substancial aos nove meses. Este fato provocou grande curiosidade no Dr Garcia, pois normalmente crianças filhas de pais ouvintes, não pronunciavam as primeiras palavras antes de um ano de vida e aos dois ainda não possuíam um vocabulário muito vasto.

Dr Garcia escreveu sobre este fenômeno, que foi objeto de estudo de sua tese em 1986. Ele começou a ensinar língua de sinais para crianças ouvintes, filhas de pais também ouvintes e anos depois iniciou oficialmente uma empresa para ensinar Língua de Sinais para Bebês.

Em 1980, prof Linda Acredolo percebeu que sua filha fazia naturalmente sinais rudimentares e trabalhando com sua companheira de pesquisa Prof Susan Goodwyn, na Universidade da California (San Diego), passaram a ensinar formalmente mais sinais ao seu bebê. Acredolo e Goodwyn ganharam com esta pesquisa, uma série de prêmios concedidos pelo instituto nacional americano de saúde, National Institute of Health (NIH). Nos vinte anos seguintes Professor Acredolo e Goodwyn realizaram a primeira pesquisa em linguagem de sinais para bebês. Através de uma série de estudos, concluíram que os bebês que sinalizavam sofriam menos frustrações em relação à comunicação em relação aos que não sinalizavam, possuíam um vocabulário mais amplo precocemente e tinha 12 pontos de QI mais elevado.

Professor Acredolo e Goodwyn também colocaram a Língua de Sinais para Bebês no centro das pesquisas e iniciaram uma empresa de promoção e divulgação da sinalização nos Estados Unidos da America. Nos anos 2000 a aceitação e o divulgação da Língua de Sinais para Bebês continuou a crescer. E foi 2006 que o Serviço Público de Radiodifusão, rede de televisão norte americana de caráter educativo-cultural, mais conhecida como Public Broadcasting Service (PBS), começou a exibir a série audiovisual intitulada 'Signing Time!', um dos programas escolhidos como modelo para o desenvolvimento deste trabalho.

FIGURA 20 – Programa Signing Time



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

Depois de toda a pesquisa realizada sobre os programas 'Signing Time! e 'Baby Sign Language', produzidos pela PBS, não havia dúvida que este era, no momento, a melhor opção estética a ser seguida. Depois que definimos o novo modelo a ser seguido, para a produção do programa piloto 'Quem Souber que Conte Outra' para crianças surdas com acessibilidade para crianças ouvintes, iniciamos o

processo de criação. Como a opção para o novo cenário seria a utilização de cores e texturas produzidas virtualmente, firmamos uma parceria com o Departamento de Mídias (DEMID) da UFPB, que disponibilizou o laboratório de vídeo para a gravação e utilização da tela verde: Chroma key⁴.

FIGURA 21 - Chroma Key



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Vejamos através de algumas ilustrações, como o recurso digital para o cenário dos programas, 'Singning Time' e 'Baby Sign Language', foram utilizados:

FIGURA 22 - Cenografia digital



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

FIGURA 23 - Cenografia digital



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

⁴ Chroma key, técnica de efeito visual de sobreposição de imagens através do anulação de uma cor padrão, geralmente verde ou azul.

FIGURA 24 - Cenografia digital**FIGURA 25 - Cenografia digital**

Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015. **Fonte:** Imagem disponível na Internet, 2015.

Como podemos observar, a tela verde pode ser trocada por qualquer outro cenário produzido virtualmente ou mesmo utilizando-se vídeos ou fotografias. É importante observar que para a aplicação desta técnica, é necessário que a cor do fundo utilizada para o chroma key, não coincida com nenhuma das contidas nos figurinos e adereços da pessoa em destaque.

Observando esta exigência do efeito chroma key, para o figurino do novo modelo proposto para o programa "Quem Souber que Conte Outra" ficou decidido que manteríamos o mesmo padrão do utilizado nos programas 'Signing Time' e 'Baby Sign Language'.

FIGURA 26 - Figurino modelo

Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

FIGURA 27 - Figurino criado

Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

Realizamos algumas pequenas alterações, como: utilizamos um vestido amarelo com detalhes em vermelho, ao invés de calça jeans, jaqueta esportiva com

zipper e uma camiseta listrada por dentro, usada pela apresentadora Rachel, dos programas norte americanos, porém, antes de chegarmos a definição das cores, da textura e da intensidade luminosa do tecido, experimentamos usar laranja fosco com textura e detalhes em vermelho e amarelo brilhante liso, com detalhes também em vermelho.

FIGURA 28 - Figurino



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 29 - Figurino



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

FIGURA 30 - Figurino



Fonte: Acervo da pesquisa, 2015.

No vestido laranja (esquerda), a cor vermelha não contrastou tão bem quanto no amarelo (centro), porém o brilho excessivo do tecido, não funcionou tão bem no vídeo, por isso optamos pelo vestido amarelo fosco com textura (direita) e detalhes em vermelho. Os detalhes em vermelho ajudam na visualização dos sinais manuais e da expressão facial: o detalhe na gola destaca o rosto e os detalhes no punho e no cotovelo, ajudam na visualização da sinalização.

FIGURA 31 - Figurino Modelo



Fonte: Imagem disponível na Internet, 2015.

Outro detalhe visual que mantemos foi a utilização de fitas adesivas na cor azul para os dedos polegares e indicadores e vermelho para os dedos médios, anelares e mínimos.

FIGURA 32 - Uso de fita adesiva colorida



Fonte: Imagem disponível na Internet,
2015.

O uso de fitas adesivas coloridas nos dedos, não é um recurso comumente usado na sinalização de uma língua visual-corporal como ASL, porém para facilitar a visualização dos sinais, Rachel, a apresentadora dos programas 'Signing Time' e 'Baby Sign Language' usa fita adesiva azul nos polegares e nos indicadores e cor de laranja nos outros dedos. Observando que as cores podem ajudar na apresentação dos sinais, decidimos usar o mesmo recurso, apenas alterando a cor laranja pela cor vermelha, já que foi a que escolhemos como cor de destaque para os detalhes do figurino da apresentadora do programa 'Quem Souber que Conte Outra'

Sobre o processo de seleção para a escolha do(a) apresentador(a) do programa piloto, podemos afirmar que seguiu os critérios estabelecidos pela equipe técnica, tais como: compreensão da linguagem televisiva, disponibilidade de tempo e interesse pela proposta do programa. Alguns candidatos foram pré-selecionados, mas a palavra final foi dada pela candidata escolhida, Ingrid Carpinteiro, que pacientemente aceitou o desafio de repetir inúmeras vezes o mesmo trecho, suportar o cansaço por ter que permanecer de pé por algumas horas e principalmente pela paciência e disponibilidade em contribuir com este trabalho.

5.1 QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA

Na trajetória do processo de produção de um projeto técnico-aplicado como este, desenvolvido em um curso de pós-graduação, em uma universidade pública federal como a UFPB, surgem a frente vários caminhos a serem percorridos. Alguns destes caminhos são desviados pelo fato de nos conduzirem a outras trilhas, outros permanecem sob nossos pés, oferecendo-nos um solo seguro que nos ajudam a

mantermos o foco da pesquisa, mas o mais surpreendente de todos, são aqueles que jamais imaginávamos desbravar.

Acredito que o projeto de qualificação para o pesquisador, assemelha-se a um mapa nas mãos de um viajante, que sabe qual destino pretende chegar, porém desconhece a estrada que o levará até ele. Outros elementos de guia são encontrados no caminho, tais como bússolas, pedras deixadas por outros andarilhos, faróis e o encontro com outros viajantes, companheiros de travessias ou simplesmente guias, como astros luminosos que nos aquecem durante o dia e nos iluminam durante a noite.

Como discípulos, ouvimos as palavras de nossos orientadores, que como mestres de artes e ofícios, nos ensinam com suas ações. São pesquisadores incansáveis, profundos conucedores, porém sábios pela simplicidade no reconhecer, que por mais longe que já tenham chegado, ainda muito lhes falta para caminhar, pois enquanto houver vida, haverá também dúvidas a serem investigadas.

Se fôssemos resumir em uma só palavra, o que foi para nós esta jornada acadêmica, poderíamos dizer apenas: gratidão. São muitos os motivos que nos levam a ter este sentimento. Agradecer pela privilégio de ter podido estar neste lugar, pela generosidade daqueles que caminharam conosco e pelas pedras encontradas nas estradas mais sinuosas, pois sem elas, não teríamos subsídios para construir o alicerce deste trabalho.

A oportunidade de participarmos de um curso de pós-graduação, em uma universidade pública brasileira, assim como a de produzir um resultado teórico-prático, de uma pesquisa para a criação de uma material audiovisual para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, faz com que nos sintamos agraciados, pois sabemos o quanto é difícil a luta das minorias, ainda desfavorecidas socialmente e que são ações como esta que podem fortalecer as conquistas almejadas no âmbito da democratização da informação.

As atividades de produção do programa audiovisual de contação de histórias para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, intitulado 'Quem Souber que Conte Outra', envolveu ações relacionadas à pesquisa, ao ensino e à extensão. A investigação nas áreas de contação de histórias para crianças, LIBRAS e televisão, trouxe uma grande riqueza de informações para todos aqueles que participaram deste projeto. Reconhecer as nossas limitações diante do universo que se abria

diante de nós, foi o primeiro passo para encontrarmos a qualidade técnica e a excelência artística, necessárias à produção do programa.

Foram muitas as descobertas, desde à simples utilização de nomenclaturas, como o caso da LIBRAS, que para muitos de nós, era considerada uma linguagem e não uma língua, até o uso de novas tecnologias em televisão, como o efeito digital para a construção de cenários, através da gravação em chroma key. As trocas de saberes proporcionada pela interdisciplinaridade do projeto, contribuiu para o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural, além de um avanço técnico para a equipe de produção audiovisual. A leitura dos contos populares nordestinos e suas riquezas culturais, proporcionaram uma maior valorização da cultura brasileira.

Estas ações promoveram a divulgação de pesquisas sobre a cultura popular, desenvolvidas na UFPB desde a década de 1970, através da transcrição de narrativas populares, da adaptação para a televisão, unindo a experiência de pesquisadores da UFPB ao trabalho de artistas da comunidade e técnicos da TV UFPB. O intercâmbio entre estes saberes acadêmicos e populares foi a base para o desenvolvimentos destas ações, resultando num processo educativo, cultural e social. Este projeto multidisciplinar, além de oferecer oficinas de contação de histórias e de apresentador de TV para surdos e ouvintes, envolveu estudantes da graduação de diversos cursos oferecidos pela UFPB, além de professores, técnicos e artistas da comunidade.

O contato com a Língua de Sinais Brasileira e as relações estabelecidas com os surdos, que participaram das atividades propostas pelo projeto, provocou nos ouvintes, o desejo de conhecer mais e aprender LIBRAS. Produzir um programa piloto, de contação de histórias da tradição oral nordestina, para crianças surdas, com acessibilidade para ouvintes, foi de todas as conquistas, a mais gratificantes.

Por este e tantos outros motivos, consideramos este projeto extremamente valioso, enquanto processo teórico-prático realizado pela equipe da TV UFPB, em parceria com o DEMID. Seu perfil multidisciplinar estimulou a participação de diferentes profissionais, que juntos vem trabalhando dentro de um processo colaborativo e autoral, onde cada especialista, ao mesmo tempo que atuaativamente no projeto como um todo, contribui com o seu conhecimento específico. A proposta do programa Quem Souber que Conte Outra é atender à uma demanda social de crianças surdas entre o público da TV UFPB.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AGUIAR, Vera (Coord.). **Poesia fora da estante.** Porto Alegre: Ed. Projeto, 1997.
- A HISTÓRIA da Figueira. Dirigido por Valeska Picado; animações de Clarissa Mesquita; Apoio Cultural Engenho Imaginário Produções Artísticas. João Pessoa: TV UFPB, 2013. Disponível em: <<http://youtu.be/qaLs0llWh6o>>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- ALMEIDA, Maria Inês de; E QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz:** as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ALMEIDA, Wolney Gomes. A televisão e a comunidade surda: um olhar sobre as diferenças. **Comunicação e Informação**, v.9, n.1, p. 53-61, jan/jun. 2006.
- ARTIS, Anthony G. **Silêncio: filmando!** : um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e a qualquer hora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fada.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BONASIO, Valter. **Televisão:** manual de produção & direção. Belo Horizonte: Leitura, 2002.
- BRASIL. MEC/SEESP. **Atendimento educacional especializado – Pessoa com surdez.** Brasília,DF, 2007.
- BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília,DF, 1998. 106 p.
- CANAL FUTURA. Rio de Janeiro: Futura, 2015. Disponível em: <http://www.futura.org.br/>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- DE PORTAS Abertas. João Pessoa: TV UFPB, 2011. Disponível em: <http://youtu.be/jTceSbjfnLM>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- EGYPTO, Ednaldo do. **Quarenta anos do Teatro Paraibano.** João Pessoa: A União, 1988.
- FELIPE, T. A. **Libras em Contexto:** Curso básico. Brasília,DF: MEC/SEESP, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GESSER, Audrei. **Libras? Que Língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e educação.** São Paulo: Autores Associados, 1999.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

GEP. Grupo de Estudos Em Teledramaturgia. João Pessoa: UFPB, 2013. Disponível em: <http://getele.blogspot.com.br/2013/01/get-grupo-de-estudos-em-teledramaturgia.html>. Acesso em: 04 fev. 2015.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **História do INES.** Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/index.php/historia-ines>. Acesso em: 04 fev. 2015.

CALDEIRA, F. **Projeto de Extensão da UFPB incentiva leitura infantil.** João Pessoa: Agência de Notícias UFPB, 2010. Disponível em: http://www.agencia.ufpb.br/vernoticias.php?pk_noticia=12064. Acesso em: 04 fev. 2015.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa.** Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

MAGALHÃES, Augusto. **História do Teatro Paraibano.** João Pessoa: Idéia, 2005.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012. 168 p. (Coleção Trabalhando com... na escola)

PUBLIC Broadcasting Television (PBS). Disponível em: <http://www.pbs.org/>. Acesso em: 04 fev. 2015.

QUADROS, R. M. de; KARNOOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira:** estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Educação de Surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais:** instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Atmed, 2011.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma jornada pelo mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

_____. **A história da exclusão das pessoas com deficiência:** aspectos sócio-econômicos, educacionais e religiosos. João Pessoa: UFPB/Ed Universitária, 2011.

SARAIWA, Leandro; CANNITO, Newton. **Manual de Roteiro, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2009.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo: UNESP, 1991.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SIGNING TIME. Disponível em: <http://www.signingtime.com/>. Acesso em: 04 fev. 2015.

STROBEL, Karin; DIAS, Silvana. M. S. **Surdez:** abordagem geral. Rio de Janeiro, FENEIS, 1995.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TV BRASIL. Brasília, DF. Portal EBC, 2015. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/>. Acesso em: 04 fev. 2015.

TV CULTURA. Brasília, DF: Cultura, 2014. Disponível em: <http://cmais.com.br/vilasesamo/historia>. Acesso em: 04 fev. 2015.

TV UFPB. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/>. Acesso em: 04 fev. 2015.

UFPB/NUPPO. Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular. João Pessoa, 2015. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/coex/nuppo/>. Acesso em: 04 fev. 2015.

VILA SÉSAMO. 2013. Disponível em: <http://www.emmytvlegends.org/interviews/shows/sesame-street>. Acesso em: 04 fev. 2015.

WATTS, Harris. **On camera:** o curso de produção de vídeo e filme da BBC/Harris Watts; São Paulo: Summus, 1990.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares:** estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: EDUSP, 1993.

APÊNDICE - A

CRONOGRAMA

O QUE?	QUANDO?
Encontros de área	Agosto/2014
Seleção da história	Agosto/2014
Criação e tradução do roteiro	Setembro/2014
Composição e arranjo das músicas	Outubro/2014
Realização das oficinas	Outubro/2014
Confecção do cenário e dos figurinos	Novembro/2014
Ensaios	Abril/2015
Gravações	Junho/2015
Criação das animações	Abril-Maio/2015
Edição de áudio e vídeo	Agosto/2015
Finalização do vídeo	Setembro/2015
Revisão Bibliográfica	Agosto/2014 - Fevereiro/2015
Produção do relatório final	Maio-Setembro/2015
Defesa	Novembro/2015

APÊNDICE - B

ROTEIRO DO PROJETO PARA A QUALIFICAÇÃO

TRAMA*

QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA:

produção de um programa audiovisual para crianças surdas e ouvintes

LUZ!

Seção 1 - Introdução

1 ERA UMA VEZ

Seção contando minha trajetória como diretora do programa de contação de histórias para crianças surdas e ouvintes na TV UFPB. A TV UFPB vista como organização aprendente (ver conceito de organização aprendente)

Seção 2 - Contexto (problematização)

2 HÁ MUITO TEMPO ATRÁS

Seção, com um item, que fala sobre a importância das histórias na formação do indivíduo

2.1 CONTA-ME UMA HISTÓRIA

Item sobre a ausência da contação de histórias na infância das crianças surdas

CÂMERA!

Seção 3

3 HISTÓRIAS SEM PALAVRAS

(texto que introduzirá os itens que falam sobre a cultura dos surdos)

Visão

3.1 MÃOS QUE FALAM

Item sobre LIBRAS enquanto língua e sobre a cultura dos surdos

3.2 LEITURA DE IMAGENS

Item que fala sobre a importância do uso de imagens na contação de histórias para crianças surdas

3.3 E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

Item com a justificativa sobre inclusão social do ponto de vista de um programa audiovisual bilíngue, que possa ser assistido tanto por crianças surdas quanto por crianças ouvintes.

AÇÃO!

4 ERA UMA, ERAM DUAS, ERAM TRÊS

Seção com o relato do processo de produção do programa piloto 'QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA', para crianças surdas e ouvintes, produzido pela TV UFPB sob a direção da autora

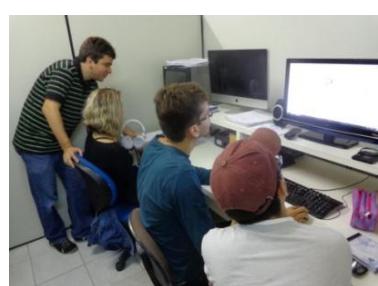
1. Diz-se do enredo de uma novela ou filme, feito para dar sentido nas ações e criar emoção no espectador. 2. (Tecelagem) Fios horizontais e transversais que se entrelaçam, para formar um tecido.

5 QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA

Seção com as considerações finais, destacando o aprendizado da equipe com o processo.

Palavras-chave: TV EDUCATIVA. ORGANIZAÇÃO APRENDENTE. INCLUSÃO SOCIAL – SURDOS. RESPONSABILIDADE SOCIAL – UNIVERSIDADE.

APÊNDICE - C ENCONTROS DE ÁREAS

LIBRAS**AUDIOVISUAL****MÚSICA****LITERATURA ORAL****CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS****EDIÇÃO DE IMAGENS****PESQUISA TEÓRICO-CIENTÍFICA****CULTURA POPULAR**

APÊNDICE - D SELEÇÃO DA HISTÓRIA

HISTÓRIA DA FIGUEIRA

Era uma vez uma menina muito bonita, que tinha os cabelos longos e loiros, pareciam raiozinhos de Sol.

A mãe da menina havia morrido e ela morava só com seu pai.

Quando sua mãe ainda era viva, penteava e cuidava dos seus cabelos, como se fossem fiozinhos de ouro.

Um dia chegou para morar na vizinhança uma mulher muito bonita.

Todos os dias, para conquistá-la, a mulher dava à menina pão com mel.

A menina se apegou tanto a mulher

Que fez um pedido ao pai:

- Por favor pai, case com a vizinha!

Mas o pai disse a menina:

-Esta mulher é malvada, ela está mentindo.

A menina insistiu:

- Por favor pai! Case com a vizinha! Ela é boa!

Mas tanto a filha insistiu que o pai acabou casando com a vizinha

Todos os dias o pai da menina saia para trabalhar

E quando o pai saia, a mulher maltratava a menina

A menina tomava conta da figueira para o pássaro não bicar o figo.

O pássaro queria bicar o figo, mas a menina não deixava

Mas tão cansada ela estava que adormeceu

e não viu quando o pássaro bicou o figo

Quando a menina acordou, viu que o pássaro havia bicado o figo

Quando a mulher descobriu, ficou tão furiosa

Que enterrou a menina viva

Quando o pai da menina voltou, perguntou a mulher:

- Onde está minha filha?

A mulher mentindo respondeu:

- A menina fugiu de casa!

O pai da menina chorou de tristeza

Tempos depois, quando o capineiro foi arrancar o mato, ouviu uma canção:

(Música)

Capineiro do meu pai

Não me corte meus cabelos

Minha mãe me penteou

Minha madrasta me enterrou

Pelo figo da figueira

Que o pássaro bicou

Quando o capineiro reconheceu a voz da menina saiu correndo pra dizer ao patrão

Ele contou ao patrão o que tinha acontecido.

O pai da menina mandou que o capineiro cavasse

e vendo que a filha estava viva

Pediu que ela contasse tudo o que havia acontecido.

Ao descobrir a verdade, o pai mandou a mulher embora.

Pai e filha viveram felizes para sempre.

Esta bela história entrou por uma porta e saiu por outra e quem souber que conte outra!

APÊNDICE - E
PRODUÇÃO E TRADUÇÃO DOS ROTEIROS

LÍNGUA PORTUGUESA PARA OUVINTES	LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS
42.Olá, meu nome é Ingrid	43.Oi! Meu nome é: I-N-G-R-I-D
43.E este é o meu sinal	44.Meu sinal é (mostra sinal)
44.Hoje eu vou contar para vocês a história da figueira	45.Eu vou contar a história de uma arvore de frutas do figo.
45.Prestem atenção que a história já vai começar!	46.Preste atenção: eu vou contar a história agora
46.Era uma vez uma menina linda que tinha os cabelos loiros como os raios do Sol.	47.Era uma vez uma menina linda que tinha os cabelos loiros igual ao Sol.
47.A mãe da menina havia morrido e ela morava só com seu pai.	48.A mãe da menina morreu. Agora a menina morava só com o pai.
48.Quando sua mãe ainda era viva, penteava e cuidava dos seus cabelos, como se fossem fiozinhos de ouro.	49.Antes de morrer a mãe da menina penteava o cabelo da filha com amor.
49.Um dia chegou para morar na vizinhança uma mulher muito bonita.	50.Tempo depois, uma mulher bonita chegou para morar vizinho a casa da menina.
50.Todos os dias, para conquistá-la, a mulher dava à menina pão com mel.	51.Todo dia a mulher dava à menina pão com mel.
51.A menina se apegou tanto a mulher	52.A menina gostou da mulher
52.Que fez um pedido ao pai:	53.A menina pediu ao pai:
53.- Por favor pai, case com a vizinha!	54.- Pai, case com a mulher!
54.Mas o pai disse a menina:	55.O pai disse a menina:
55.Esta mulher é malvada, ela está mentindo.	56.- Não. Ela não é uma mulher boa! Ela está mentindo!
	57.A menina pediu de novo:

<p>56.A menina insistiu:</p> <p>57. -Por favor pai! Case com a vizinha! Ela é boa!</p> <p>58.Mas tanto a filha insistiu que o pai acabou casando com a vizinha</p> <p>59.Todos os dias o pai da menina saia para trabalhar</p> <p>60.E quando o pai saia, a mulher maltratava a menina</p> <p>61.A menina tomava conta da figueira para o pássaro não bicar o figo.</p> <p>62.O pássaro queria bicar o figo, mas a menina não deixava</p> <p>63.Mas tão cansada ela estava que adormeceu</p> <p>64.e não viu quando o pássaro bicou o figo</p> <p>65.Quando a menina acordou, viu que o pássaro havia bicado o figo</p> <p>66.Quando a mulher descobriu, ficou tão furiosa</p> <p>67.Que enterrou a menina viva</p> <p>68.Quando o pai da menina voltou, perguntou a mulher:</p> <p>69.- Onde está minha filha?</p> <p>70.A mulher mentindo respondeu:</p> <p>71.- A menina fugiu de casa!</p> <p>72. O pai da menina chorou de tristeza</p>	<p>58.- Pai, por favor case com a mulher! Ela é uma mulher boa!</p> <p>59.A menina pediu muitas vezes para o pai se casar com a mulher e o pai casou.</p> <p>60.Todo dia o pai da menina saía para trabalhar.</p> <p>61.A mulher era malvada, porque depois que o pai saia para trabalhar a mulher batia na menina.</p> <p>62.A menina trabalhava olhando a figueira e espantando o pássaro.</p> <p>63.O pássaro queria bicar o figo, mas a menina espantava os pássaros.</p> <p>64.A menina ficou cansada e dormiu.</p> <p>65.O pássaro bicou o figo.</p> <p>66.A menina acordou e viu o figo bicado.</p> <p>67.A mulher descobriu e ficou zangada</p> <p>68.A mulher enterrou a menina viva.</p> <p>69.Depois o pai da menina voltou da viagem e perguntou a mulher:</p> <p>70.- Onde está minha filha?</p> <p>71.A mulher mentiu:</p> <p>72.- A menina foi embora de casa.</p> <p>73.O pai da menina ficou triste e chorou.</p>
--	--

<p>73.Tempos depois, quando o capineiro foi arrancar o mato, ouviu uma canção:</p> <p>74.(Música)</p> <p>Capineiro do meu pai Não me corte meus cabelos Minha mãe me penteou Minha madrasta me enterrou Pelo figo da figueira Que o pássaro bicou</p> <p>75.Quando o capineiro reconheceu a voz da menina saiu correndo pra dizer ao patrão</p> <p>76.Ele contou ao patrão o que tinha acontecido.</p> <p>77.O pai da menina mandou que o capineiro cavasse</p> <p>78. e vendo que a filha estava viva</p> <p>79.Pedi que ela contasse tudo o que havia acontecido.</p> <p>80.Ao descobrir a verdade, o pai mandou a mulher embora.</p> <p>81.Pai e filha viveram felizes para sempre.</p> <p>82.Esta história terminou, mas quem souber que conte outra!</p>	<p>74.Muito tempo depois o capineiro foi arrancar o mato do quintal e ouviu a menina cantando:</p> <p>75.(Música)</p> <p>Capineiro por favor Não corte meu cabelo Minha mãe penteava meu cabelo A mulher me enterrou O pássaro bicou o figo</p> <p>76.O capineiro ouviu a voz da menina e correu para a casa do pai da menina.</p> <p>77.O capineiro contou ao pai da menina que ouviu a voz da menina.</p> <p>78.O pai da menina mandou o capineiro cavar</p> <p>79.A menina estava viva.</p> <p>80.O pai pediu a menina para contar tudo o que aconteceu.</p> <p>81.O pai descobriu a verdade e mandou a mulher embora.</p> <p>82.A menina e o pai ficaram juntos e felizes para sempre.</p> <p>83.Esta historia terminou, que souber conte outra</p>
---	---

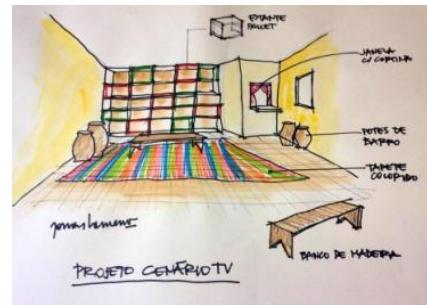
APÊNDICE - F PRODUÇÃO MUSICAL





APÊNDICE - G PRODUÇÃO DO CENÁRIO

PRIMEIRA PROPOSTA

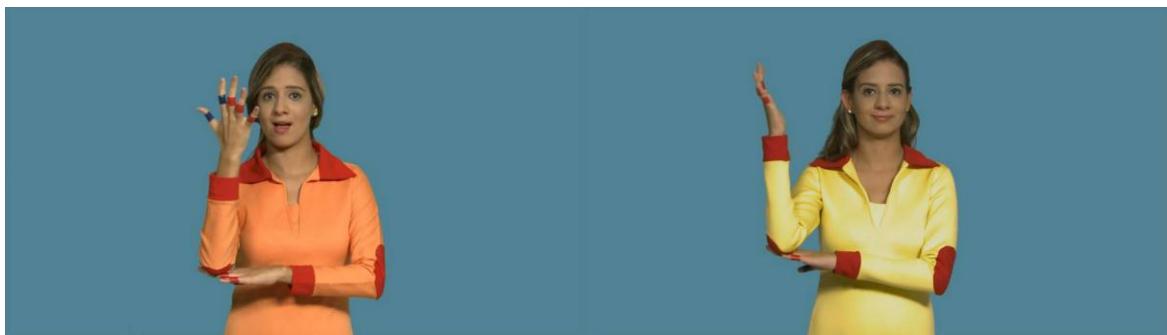




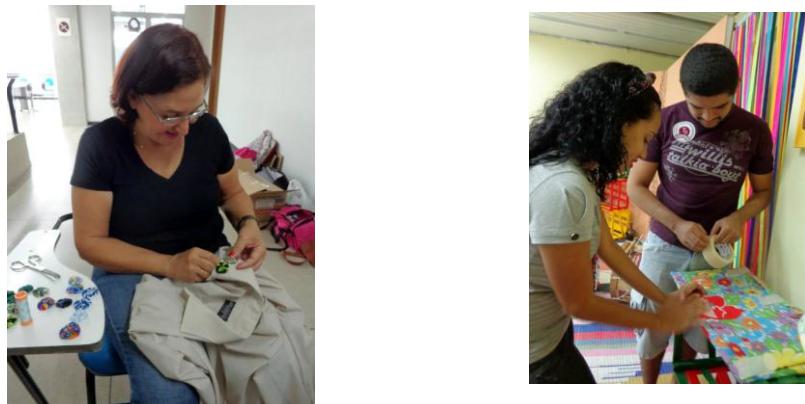
APÊNDICE - H
PRODUÇÃO DO CENÁRIO
SEGUNDA PROPOSTA



**APÊNDICE - I
PRODUÇÃO DO CENÁRIO
TERCEIRA PROPOSTA**



**APÊNDICE - J
PRODUÇÃO DO FIGURINO
PRIMEIRA PROPOSTA**



**APÊNDICE - K
PRODUÇÃO DO FIGURINO
SEGUNDA PROPOSTA**



**APÊNDICE - L
PRODUÇÃO DO FIGURINO
TERCEIRA PROPOSTA**



QUARTA PROPOSTA



QUINTA PROPOSTA



APÊNDICE - M
OFICINAS
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA SURDOS E OUVINTES





APÊNDICE - N APRESENTADOR DE TV





APÊNDICE - O ENSAIOS

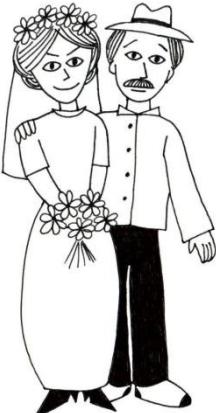


APÊNDICE - P GRAVAÇÕES

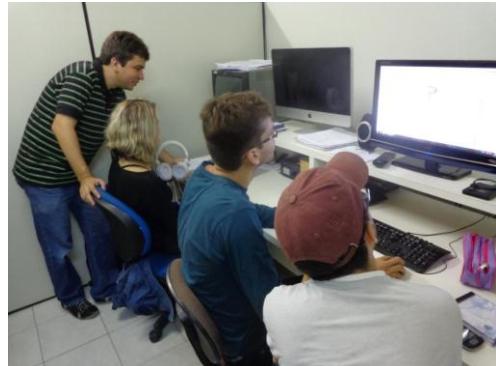


APÊNDICE - Q

CRIAÇÃO DOS DESENHOS E ANIMAÇÕES



APÊNDICE - R EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO



APÊNDICE - S
PRODUTO DA PESQUISA: QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA

Link: https://youtu.be/L9BYS2kh_9k

